

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

SÉRGIO RONALDO PINHO JUNIOR

**O DISCURSO DE NATUREZA NAS HQS DO CHICO BENTO:
PROVOCAÇÕES AO CAMPO DE SABER DA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

Rio Grande

2015

SÉRGIO RONALDO PINHO JUNIOR

**O DISCURSO DE NATUREZA NAS HQS DO CHICO
BENTO: PROVOCAÇÕES AO CAMPO DE SABER DA
AMBIENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Corrêa Henning

Rio Grande, 2015.

P654d Pinho Junior, Sérgio Ronaldo.

O discurso de natureza nos HQs do Chico Bento: provocações ao campo de saber da Educação Ambiental / Sérgio Ronaldo Pinho Junior. – 2015.

83 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2015.

Orientadora: Dr^a. Paula Corrêa Henning.

1. Educação Ambiental 2. Natureza 3. História em quadrinhos
4. Análise do discurso I. Henning, Paula Corrêa II. Título.

CDU 504:37

SÉRGIO RONALDO PINHO JÚNIOR

“O Discurso de Natureza nas HQS do Chico Bento: provocações ao campo de saber da Educação Ambiental”

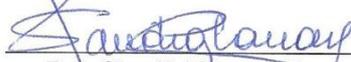
Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



Dr.^a Paula Corrêa Henning
(Orientadora - PPGEA/FURG)



Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli
(PPGEA/FURG)



Dr.^a Claudia Glavam Duarte
(UFRGS)

Dedico esta dissertação aos meus pais, Sérgio e Maria, por tudo que eles significam na minha vida; ao meu irmão, Elton, pela amizade e carinho que nos une; á minha esposa, Juliana, pela força e pelo amor que ela tem demonstrado sempre; aos amigos, que fazem parte da minha história e a minha orientadora, prof. Paula Henning, decisiva nas escolhas que fiz e um exemplo que tenho como referência.

AGRADECIMENTOS

Expresso aqui os meus agradecimentos sinceros às muitas pessoas que direta e indiretamente colaboraram na elaboração deste trabalho. O principal incentivo veio da professora Dra. Paula Corrêa Henning que aceitou orientar esta dissertação e conduziu meus passos no caminho da pesquisa. Seus ensinamentos são exemplares e vão além de relações formais e compromissos acadêmicos. Somos afetados pela simplicidade, seriedade e alegria dos encontros que ela proporciona. Agradeço, também, a amizade e o carinho dos colegas do Grupo de Estudos, Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF) que acompanharam, leram e fizeram sugestões no sentido de qualificar este trabalho de pesquisa. Assim, reconheço a intensidade do convívio com o Matheus que colaborou na seleção das histórias em quadrinhos analisadas. É importante destacar, ainda, ao longo deste período a presença constante de algumas pessoas, entre elas, a Renata, minha “co-orientadora” nas leituras extras, a Vírginia, a Gisele, a Camila, a Andresa, a Lorena, a Elisangela e a Bárbara que contribuiu com sua experiência de pesquisadora, esclarecendo, a partir de um olhar minucioso sobre o texto, alguns aspectos formais, bem como, a importância da presença de alguns conceitos pertinentes a análise empreendida.

Por fim, gostaria de afirmar o quanto devo a Juliana, minha esposa, pela dedicação, amor, força e estímulo permanente. Vejo, nas qualidades que ela tem um exemplo, que muitas vezes tomei como referência.

É preciso acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimento; na pontualidade em que ele aparece e na dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até em seus menores traços, enterado, bem longe de qualquer olhar, na poeira dos livros. (FOUCAULT, 2013, p.95).

RESUMO

O presente estudo refere-se a uma Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental (EA) a qual teve como objetivo estabelecer um diálogo em torno do conceito de natureza a partir da análise das formas desse discurso veiculadas nas histórias em quadrinhos (HQs) do personagem Chico Bento e suas relações com as concepções presentes no campo de saber da EA. Com a intenção de problematizar a forma como as HQs, através do discurso de natureza, vêm contribuindo para pensarmos sobre EA, selecionaram-se HQs do Chico Bento publicadas entre os anos de 2009 e 2013 e que fazem referência à natureza. Apoiado em autores como Michel Foucault, Isabel Carvalho, Leandro Belinasso Guimarães, Maria Lúcia Castagna Wortmann, Mônica Meyer, Keith Thomas, Raymond Williams, entre outros, a pesquisa analisou as enunciações de natureza que compuseram o *corpus* de análise desta investigação. O caminho metodológico selecionado para operar com o material empírico trata especificamente de algumas ferramentas da Análise do Discurso, a partir de Michel Foucault. Na análise do material posto em suspenso, a pesquisa apontou para dois enunciados potentes, os quais vêm auxiliando na constituição do discurso de natureza por meio das HQs: a natureza constituída nos deslocamentos operados pelas diferenças culturais entre as realidades rural e urbana e um ideal romântico de natureza produzido pela visibilidade e enunciabilidade das HQs do Chico Bento. Com isso, evidenciou-se que as HQs analisadas entram na ordem do discurso verdadeiro no campo da EA. Sendo assim, ressalta-se a importância de atentarmos para os gibis e suas histórias, como um artefato cultural potente que vem nos auxiliando a olhar para o dispositivo da EA. Tal dispositivo interpelando-nos a constituir modos de ser e de viver, diante de saberes e verdades produzidas na e pela cultura, pois, diante dos significados travados por meio da cultura, vamos engendrando nossos modos de vida, bem como estabelecendo relações com o mundo em que vivemos.

Palavras-chave: Natureza; Histórias em Quadrinhos; Educação Ambiental; Análise do Discurso.

ABSTRACT

The present study refers to a master's thesis in Environmental Education that aimed to establish a dialogue around the concept of Nature from the analysis of the forms of discourse conveyed in the comic book character of Chico Bento and his relations with the concepts present in the field of knowledge of environmental education (EE). With the intention to discuss how the comics, through the Nature of speech have contributed to our thinking on environmental education, stories of Chico Bento that make reference to nature were selected from comics published between the years 2009 and 2013. Backed by authors like Michel Foucault, Isabel Carvalho, Leandro Belinaso Guimarães, Maria Lucia Castagna Wortmann, Monica Meyer, Keith Thomas, Raymond Williams, among others, the research analyzed the utterances of Nature that made up the corpus of analysis of this research. The methodological approach selected to operate with the empirical material specifically deals with some speech analysis tools, from Michel Foucault. In the analysis of the content presented herein, the research pointed to two powerful statements, which have been helping in the constitution of a discourse on Nature through the comics: nature constituted in shifts operated by cultural differences between rural and urban realities and romantic ideal of Nature produced by visibility and enunciability of Chico Bento comics. Thus, it was observed that the analyzed comics are in order with the true discourse in the field of environmental education. Therefore, the importance of paying attention to comic books and their stories as a potent cultural artifact that has helped us to look at the environmental education tool is emphasized. Such a tool interpellates us to constitute ways of being and living, with the knowledge and truths produced in and through culture, since through the meanings locked through culture, we engender our ways of life as well as establish relationships with the world we live in.

Keywords: Nature; comic books; Environmental Education; Discourse analysis.

LISTA DE ABREVIATURAS

EA – EDUCAÇÃO AMBIENTAL

HQs – HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

GEECAF – GRUPO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO, CULTURA, AMBIENTE E FILOSOFIA.

MSP – MAURÍCIO DE SOUSA PRODUÇÕES

SUMÁRIO

Capítulo I.....	11
1. Adentrando na seara da educação ambiental: modos de constituir um discurso de natureza em HQs do Chico Bento.....	11
1.1. Introdução: para começar a conversa	11
1.2. Diagrama da pesquisa: problema, justificativa e delimitações.....	18
1.3. Implicações teóricas na fundamentação do objeto de pesquisa.....	24
Capítulo II.....	29
2. A natureza como problema teórico.....	29
2.1. Introdução	29
2.2. Demarcando fronteiras teóricas: os modos de olhar e narrar a natureza no Paradigma da Modernidade	30
Capítulo III.....	48
3. A natureza entre o rural e o urbano: fabricação de um discurso nas HQs do Chico Bento	48
Capítulo IV.....	63
4. Um ideal romântico de natureza: o dito e o visível nas HQs do Chico Bento.....	63
5. Considerações Finais	74
6. Referências	78
7. Anexo	85

CAPÍTULO I

1. ADENTRANDO NA SEARA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: MODOS DE CONSTITUIR UM DISCURSO DE NATUREZA EM HQS DO CHICO BENTO

1.1. Introdução: para começar a conversa

Diante da possibilidade de realizar um trabalho de pesquisa com o objetivo de apresentá-lo como Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEA/ FURG, passei a integrar o grupo de pesquisa sobre EA, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Paula Corrêa Henning, pertencente ao Programa Observatório da Educação, vinculado à CAPES e ao CNPQ. Esse grupo é constituído pelo Grupo de Estudos sobre Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia – GEECAF, instituído nessa Universidade e cadastrado junto ao CNPq. Tais encontros, no tempo e no espaço, se fizeram reais a partir de práticas e reuniões semanais, em que muitas leituras acadêmicas de artigos, livros, dissertações e teses são realizadas com a finalidade de problematizar as produções midiáticas nos diferentes extratos que determinam sua existência, considerando como vertente teórica de referência o pensamento filosófico pós-estruturalista. Nesse sentido, este trabalho se apropria dos conceitos e da perspectiva analítica desenvolvida sob a influência da produção bibliográfica foucaultiana para problematizar sobre as verdades que são potencializadas nos discursos das mídias e auxiliam na criação da realidade do mundo contemporâneo. Para este autor:

[...]Há um combate “pela verdade”ou, ao menos, “em torno da verdade” – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. (FOUCAULT, 2012b, p.53, grifos do autor)

Considerando, também, que a materialidade dos acontecimentos, a evidência dos fatos, reforça o discurso midiático. No caso desta dissertação, verdades produzidas nas HQs reforçam o discurso da EA. Simultaneamente, o discurso da EA potencializa as verdades afirmadas nas HQs. Para isso, colocamos sob suspeita

modos como produzimos uma certa EA a partir da materialidade dos fatos que se constituem no cenário atual. Evidentemente, é urgente o apelo à EA, pois, de acordo com Garré (2015), podemos afirmar que atualmente ela é um dispositivo que mobiliza os atores sociais. No entanto, interessa-nos problematizar como vamos nos constituindo sujeitos, sendo disciplinados a partir de discursos que instituímos como verdadeiros em tempos de formação de educadores ambientais. De acordo com Gomes:

[...] Enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira do mostrar, enquanto mostra ela controla pelo próprio mostrar. É em relação à disciplina que se diz que se não passou pelas mídias, não há poder de reivindicação; é em relação a controle que se diz que se não passou pelas mídias não existe. (GOMES, 2003, p. 77).

Assim, as catástrofes ambientais, a poluição, a produção de lixo, o desenvolvimento industrial e o estímulo ao consumo se relacionam e complementam as propostas que circulam em torno de uma economia verde, sustentável, ecologicamente praticável a serviço das “necessidades” humanas como único fim. Com isso, os modos de ser sujeito no mundo contemporâneo aparecem limitados por um conjunto de ordenações pontuais, fragmentadas dentro de uma perspectiva histórica que vai definindo como ser e estar no mundo cotemporâneo.

Entendo que os discursos que fabricamos como verdadeiros no mundo atual são produzidos através de desejos, intenções e, evidentemente, relações de poder que se imiscuem na vida social. As mídias, foco de análise do Grupo de Pesquisa ao qual pertenço, também auxiliam na fabricação de tais verdades. Como desdobramento e produção do GEECAF, esta pesquisa analisa o discurso de natureza contido nas HQs do Chico Bento com o intuito de interrogar as certezas ali apresentadas. Assim, as HQs foram tomadas como artefato midiático e cultural potente para a educação de sujeitos na contemporaneidade, visto que as histórias desse personagem circulam em mais de 120 países, entre eles: Itália, Portugal, Rússia, China, etc., além do Brasil. Nesse sentido, o personagem Chico Bento apresenta singularidades bem definidas pela sua relação com a realidade rural e a vida no campo, enunciando, a partir de atravessamentos culturais do mundo contemporâneo, formas de ver a natureza bastante limitadas, demarcadas pelos problemas ambientais que, destacados nos discursos científicos, políticos, econômicos, sociais e culturais, constituem o modo de ser dos sujeitos na atualidade.

Diante desses dados, gostaria de apresentar resumidamente a Turma da Mônica e as características peculiares do personagem Chico Bento. Assim sendo, a Turma da Mônica é uma série de HQs cujos personagens começaram a ser criados pelo jornalista Maurício de Sousa no início da década de 1960. Naquele momento, eram tirinhas publicadas no jornal, cujos principais personagens eram Bidu e Franjinha. Somente no final dos anos 60 e início dos anos 70 é que a série de HQs passou a ser vista como Turma da Mônica e publicada a partir de 1970 pela editora Abril, com o título provisório de Mônica e sua turma. Foi durante esse período, com o aparecimento em comerciais e revistas, que os protagonistas passaram a ser os personagens Mônica e Cebolinha. A maior parte das histórias da turma da Mônica giram em torno das aventuras da Mônica e seus amigos no bairro Limoeiro. Porém, o título Turma da Mônica se refere, também, a outros personagens criados por Maurício de Sousa, derivados de outras séries de HQs, entre eles, o Chico Bento, a Tina, a Turma da Mata, o Penadinho, o Piteco, o Astronauta, o Horácio e vários outros.

No entanto, meu interesse, nesta dissertação, se volta para o personagem Chico Bento e suas histórias. Em virtude disso, apresento singularidades que caracterizam esse personagem. Ele surge em 1963, publicado em tirinhas de jornal, que desde 1961 eram conhecidas como “Zezinho e Hiroshi”, cujos, personagens principais eram Zé da Roça e Hiro. Em pouco tempo, Chico Bento foi se popularizando e se tornou o personagem principal das tirinhas. O cenário de suas histórias é a fictícia Vila Abobrinha, cidade tipicamente caipira localizada no interior do Estado de São Paulo, onde ele vive junto com seus amigos.

O personagem se destaca por ser um menino da roça (caipira), que anda descalço, usa roupas simples e chapéu de palha. Frequenta a escola, mas não gosta de estudar. Sua fala é apresentada contendo erros ortográficos, com o objetivo de reproduzir um dialeto caipira. Representando um estilo de vida rural ideal, Chico Bento acorda antes do sol nascer para ajudar o pai na roça, vive tentando roubar as goiabas do nhô Lau, brinca com os demais personagens da turma e ainda namora Rosinha. É acomodado, às vezes preguiçoso e eventualmente mentiroso. Além disso, gosta de aventuras e, apesar de seus defeitos e travessuras, é um menino bondoso, generoso, que ama a natureza e os animais. Chico Bento é idealizado como um representante natural do povo interiorano brasileiro. O personagem foi inspirado na figura de um tio de Maurício de Sousa.

Assim, a Maurício de Sousa Produções (MSP), grupo responsável pela comercialização de todos os produtos culturais relacionados à Turma da Mônica, ao editar e publicar os gibis de seus personagens, dispõe de uma equipe de consultoria que procura se informar sobre temas relevantes em diferentes âmbitos do campo social. Em uma pesquisa rápida, destaco as preocupações dessas HQs vinculadas ao campo educacional. Dessa forma, basta olharmos para alguns desses gibis e veremos que há temáticas educativas inseridas nesta mídia. Nos interessam aqui as temáticas relacionadas à natureza, cujos enunciados identificam condições de emergência do discurso da EA, cada vez mais potente nos cinco continentes do planeta Terra.

Vale fazer um esclarecimento. A pesquisa que ora apresento dedica-se a analisar o discurso de natureza. Entendo que esse discurso é potente no veículo de comunicação aqui tomado para análise – as HQs do Chico Bento. Ao afirmar que elas fabricam verdades, sentidos e modos de conviver com a natureza, relaciono tais enunciações midiáticas ao dispositivo da EA (GARRÉ, 2015), já que em inúmeras passagens as HQs, com sua visibilidade e enunciabilidade, vão ensinando modos de vida, educando ambientalmente para convivermos com a natureza. Por isso, entendo que nesse potente artefato midiático, ao falar em natureza, inúmeras vezes, fala-se também em EA.

Com isso, escolhi olhar para esta mídia por entendê-la como uma potente ferramenta que fabrica verdades acerca de diferentes questões sociais que nos envolvem enquanto habitantes do século XXI. Basta olharmos para os diferentes locais em que circulam as HQs da Turma da Mônica e do Chico Bento e logo veremos o quanto eles estão presentes nas casas, nas escolas, na internet, nos locais onde circulamos.

Para ampliar ainda mais esse acesso, a MSP assinou, em 2007, um contrato comercial com o grupo empresarial italiano Panini, a fim de potencializar a circulação dos materiais midiáticos da Turma da Mônica por todos os países interessados. Vale lembrar que entre esses materiais estão a publicação das HQs do Chico Bento. Segundo o empresário Maurício de Sousa:

Nós fazemos o que eu considero uma história em quadrinhos universal. Há uma listinha dos assuntos, dos temas, do comportamento que deve ser seguido pela nossa turminha para eles poderem andar na Vila do Limoeiro universal que estamos tentando criar (SOUSA, 2014, s/n).

Diante disso, de acordo com informações obtidas no site da Maurício de Sousa Produções, na atualidade eles contam com mais de um bilhão de revistas publicadas, chegando a ser editadas em 126 países, atingindo 50 idiomas, cerca de 3 mil produtos

licenciados que movimentam cerca de 2 bilhões de dólares por ano. Além disso, devido à popularidade de suas revistas e gibis, Maurício de Sousa é considerado o maior formador de leitores do Brasil. Só as revistas da Turma da Mônica representam mais de 80% do mercado editorial de quadrinhos brasileiros. Além de ser a maior produtora de animação para cinema do Brasil, a MSP conta também com o maior estúdio de quadrinhos existente em nosso país.

Assim, enquanto um meio de entretenimento que veicula determinadas informações e se propõe a educar a partir de fatos dados, as histórias em quadrinhos do Chico Bento apresentam a natureza como única, universal, com problemas que a atravessam e são os mesmos em todos os lugares para todas as pessoas. Penso que essa perspectiva explicita a vontade de universalizar o sujeito, desconsiderando singularidades culturais produzidas pelos deslocamentos e diferenças da própria Natureza, que é múltipla. Diante disso, as enunciações analisadas expressam atitudes resistentes, românticas, saudosistas e, em algumas situações, conservadoras quando confrontadas com os parâmetros de desenvolvimento considerados modernos. Desta forma, analisar o discurso sobre natureza desse personagem é importante, porque ele articula percepções sobre práticas culturais, identificadas com a constituição de um determinado tipo de sujeito. Um sujeito ecológico que deve ser reconhecido por práticas que vão ao encontro das formas de EA reconhecidas. Em muitas de suas HQs, Chico Bento expõe os seus dilemas e as diferenças culturais de um “menino do campo” diante da natureza única. Com isso, tais histórias nos ensinam os comportamentos e as singularidades diante daqueles sujeitos identificados com a vida urbana, mais interessados pela realidade modernizada, pelos rumos da sociedade entendida como “desenvolvida”. De acordo com Amaral:

A identidade moderna foi e continua sendo construída através dos processos de produção de identidade que invariavelmente reforçam o antropocentrismo e criam as ferramentas teóricas e sociais que autorizam o ecocídio. O olhar hegemônico sobre a natureza, construído através das representações dominantes de natureza que habitam os livros de História e contos, os livros didáticos, as revistas científicas e os meios de comunicação de massa continuam a construir uma identidade social que vê na natureza o diferente, o oposto da cultura (AMARAL, 2004, p. 146).

Essa forma de entendimento cria imagens que classificam a natureza relacionando-a a termos como primitivo, selvagem, perigo, aventura, riqueza, ou então, beleza, tranquilidade, paisagem/paraíso. Tais nomes indicam uma natureza construída

como alheia, distinta e distante do cotidiano humano moderno; como o outro da cultura (AMARAL, 2004).

Com isso, o personagem Chico Bento dá visibilidade a um conjunto de experiências que se confrontam, demonstrando o limite das formas de perceber e viver a natureza dentro das perspectivas de EA conhecidas pela cultura capitalista no mundo ocidental. Seu comportamento inocente e crítico, ou esperto e desastrado, aponta para destruições e poluições de todos os tipos, sejam elas espaciais, sonoras ou visuais, passando ao leitor a necessidade de ver os sujeitos modernos como arquitetos do caos no meio da ordem natural perfeita. Essa preocupação, visível nas HQs, acontecem a partir de desdobramentos presentes numa realidade maior. Seus discursos são aqui analisados como uma dobra, um posicionamento moral que parte de valores predispostos nas práticas políticas e culturais contemporâneas direcionadas pelas preocupações ambientais. Desta forma, enquanto ferramenta midiática, as HQs fazem parte da indústria cultural contemporânea e têm um alcance, muitas vezes, mais penetrante do que instituições como a escola, por exemplo.

Tais condições permitem afirmar que a criatividade temática das HQs são constituintes de tendências cujas expressões definem as formas e as práticas culturais contemporâneas diante dos problemas aceitos como verdadeiros, cujas soluções são cruciais para a preservação e o desenvolvimento da vida em sociedade. Assim, a natureza e a EA, como ação educativa, produzem sentidos reconhecidos nas histórias do Chico Bento quando aparecem relacionadas ao que Amaral (op. cit.) resume como visões antropocêntricas. Ainda de acordo com a autora, essa perspectiva pode demonstrar certo utilitarismo vinculado à produção de determinados artefatos tecnológicos associados à indústria de bens de consumo ou reduzindo o indivíduo à passividade, quando prioriza as características contemplativas e românticas, exaltando a beleza, a pureza e a perfeição do mundo natural sem a presença humana.

Considerando essa perspectiva, por fazer parte desse momento histórico, a EA consolida-se atravessada pelo paradigma da modernidade. Para Isabel Carvalho:

[...] O valor da natureza enquanto reserva estética e moral que se pode encontrar no naturalismo e nas chamadas novas sensibilidades para com a natureza parece reeditar-se como espécie de memória mítica dos educadores ambientais, remontando a um mito de origem do próprio ecologismo. No imaginário ecológico, muitas vezes, a natureza, como contraponto da vida urbana e sua inscrição em uma visão arcádica, aparece combinada com o sentimento romântico de contestação. O repúdio romântico à uniformidade da razão, ao seu caráter instrumental, ao individualismo racionalista, pode ser observado em certas inspirações do ideal societário ecológico que se afirma

como via alternativa, contra os ideais de desenvolvimento da sociedade capitalista de consumo (CARVALHO, 2005, p. 56).

A partir desses aspectos, ressalto a contemporaneidade dos discursos sobre a natureza nas HQs; discurso articulado à constituição de um determinado tipo de sujeito visível em uma EA nos moldes sustentáveis, preconizada por verdades que denunciam os excessos, os perigos expostos e configuram a necessidade de mudanças nas práticas culturais da modernidade ocidental na atualidade.

Destaco, assim, a importância das relações estabelecidas pela MSP através de contratos com governos e outras empresas (mais de cem, entre nacionais e internacionais). Dentre esses ressalto as negociações com o governo da China¹. Saliento, ainda, o quanto essas relações são produtivas, pois os efeitos produzidos pelo discurso nas HQs, embora imensuráveis, são tão importantes que, em 2007, resultaram em dois prêmios internacionais: a personagem Mônica foi nomeada embaixadora da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para Criança e Adolescência) e Maurício de Sousa foi nomeado escritor para crianças do UNICEF.

Aproveito essas informações como forma de adensar a problematização anunciada. Nesse sentido, é pertinente pensar os aspectos da cultura do caipira presentes no personagem Chico Bento, sustentado por atividades que valorizam o ambiente próprio do espaço rural; os costumes associados a formas simples de sobrevivência, traduzidas inúmeras vezes por pensamentos que expressam certa crítica frente às relações entre seres humanos e a natureza não humana. Seus ditos demarcam, também, a partir de situações engraçadas, a preocupação em educar, orientar para ações que afirmam um cuidado com a natureza, denunciando a poluição, o excesso de lixo, a ocupação desordenada do território; ainda percebemos a resistência em aceitar o sentido de progresso, desenvolvimento e ascensão das novas tecnologias como sinônimo de melhoria da qualidade de vida.

Chico Bento é, reconhecendo o contexto das preocupações ambientais da atualidade, um personagem singular cujo discurso se faz contemporâneo ao estranhar as mudanças do tempo atual, apresentando uma ideia de natureza marcada por traços de um ideal romântico, de um mundo paradisíaco distante de aglomerações humanas ou pela necessidade de uma prática de preservação e limpeza dos lugares verdes, mostrando os limites do desenvolvimento e do progresso.

¹ Conforme matéria, publicada no jornal Gazeta Mercantil, seção Empresas e Negócios. Sexta-feira, 9, edição de fim de semana, 10 e 11 de maio de 2008. Esse material consta em anexo.

Nesta pesquisa, priorizo a análise de determinadas ações afirmativas no mundo contemporâneo no que se refere aos modos possíveis de praticar EA. Vejo essas HQs como um entretenimento endereçado a um público infanto-juvenil, mas que vai além disso e chega a inúmeros outros leitores, exercendo o poder no sentido de provocar opiniões, posicionando-os sobre determinadas situações, seja através de críticas sutis e bem humoradas ou comparando atitudes humanas diante do que é considerado “Natural”.

Na análise desse material midiático, me interessa ver como a natureza é descrita, considerando as projeções que possibilitam a emergência crescente de um saber sobre a natureza, que afirma a importância da EA para a salvação do planeta. Inclusive, tal discussão vem sendo incorporada nas ações políticas propostas pelos organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Tratarei, a seguir, de forma breve, de algumas condições de emergência da EA que vêm compondo a pauta de discussão em diferentes espaços sociais, políticos, econômicos e culturais.

1.2. Diagrama da pesquisa: problema, justificativa e delimitações

Assumindo a EA como dispositivo ativo em nosso mundo contemporâneo (GARRÉ, 2015), esta Dissertação partiu das seguintes questões de investigação: 1- Quais enunciações do campo de saber da EA vêm sendo fabricadas e tomadas como verdade nas HQs analisadas?; 2- Como a natureza é enunciável e visível nos materiais investigados? 3- Que enunciados podem ser criados/fabricados a partir das enunciações que propõem modos de existir e conviver com a natureza nos gibis do Chico Bento?

Assim, foram selecionados como fonte para esta pesquisa os gibis do Chico Bento publicados pelo grupo Maurício de Souza Produções (MSP) e editados pela Panini Comics desde 2007. As HQs analisadas no *corpus* empírico a seguir foram escolhidas entre publicações de janeiro de 2009 até dezembro de 2013. São edições publicadas em três versões: Chico Bento (edição mensal), Almanaque do Chico Bento (edição bimestral) e Chico Bento (Turma da Mônica coleção Histórica - bimestral). Tratam-se de três séries de gibis com HQs constantemente direcionadas por temas relacionados à natureza e que são visíveis de diferentes formas.

O período cronológico definido para analisar as séries dos gibis foi estabelecido a partir de acontecimentos que desencadearam a crescente necessidade da produção de um discurso ambiental como pauta indissociável de práticas de organismos internacionais como a ONU, a UNESCO e a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), além de estados, governos, Organização Não-Governamentais (ONGs), empresas e agentes políticos vinculados a partidos, movimentos sociais ou ao movimento ambientalista. Além desses espaços, é recorrente circular nas mídias, de um modo geral, formas contemporâneas de vivenciar os dilemas constituídos pela Modernidade; dentre eles, o da urgência de uma EA. Desta forma, ações sustentáveis tidas como *conscientes* são determinadas com o objetivo de preservar o meio ambiente, instituir preceitos morais e justificar iniciativas que afirmam a importância de “sujeitos verdes” no mundo contemporâneo (GUIMARÃES, 2012).

Neste contexto, desde a 15ª conferência da ONU sobre mudanças Climáticas (COP 15), realizada em Copenhague, na Dinamarca, em 2009, notabilizada pelo grande número de participantes depois da Eco-92, no Rio de Janeiro, os chefes de Estado e governos de 192 países estiveram reunidos para definir uma Agenda Ambiental. No Brasil, nesse mesmo ano, o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva sancionou a medida provisória (MP) nº 458 que regulariza terras na chamada Amazônia Legal. Em seguida, com a realização da COP 16, em 2010, no México, em Cancún, houve a criação do fundo Verde, que até 2020 deverá liberar 100 bilhões de dólares por ano para apoiar os países em desenvolvimento. A ONU elegeu 2010 como o “Ano Internacional da Biodiversidade” e, no Brasil, foi sancionada a Política Nacional de Resíduos sólidos (PNRS), regulamentada pela lei 12.305. Algumas tragédias foram marcantes durante o ano de 2010, pois o terremoto no Haiti, em Porto Príncipe, resultou em 326 mil mortos, 350 mil feridos e 1,5 milhão de flagelados; no golfo do México, quase 5 milhões de barris de petróleo vazaram e 11 pessoas foram vitimadas, um dos maiores desastres ambientais do mundo. Em 2011, o tsunami que passou pelo Japão devastou o país e 27 mil mortes foram registradas. No Brasil, as enchentes na região da serra do Estado do Rio de Janeiro produziram milhares de mortos e desabrigados. Além desses fatos, os ministros do Brasil, África do Sul, Índia e China reuniram-se em Belo Horizonte/MG, em um encontro preparatório para a COP 17, que aconteceu em Durham, na África do Sul, em 2011, com o objetivo de estabelecer um consenso em torno da prioridade do protocolo de Kioto. Na reunião preparatória de Bonn, na Alemanha, todas as questões ficaram suspensas. Ainda em 2011, o governo brasileiro aprovou o novo código

florestal, permitindo o cultivo agrícola em áreas de preservação permanente. Já o ano de 2012 foi marcado por dois grandes eventos relacionados a questões ambientais: a Rio+20, voltada para a reunião das grandes lideranças mundiais em torno do comprometimento com o desenvolvimento sustentável do planeta, e a Cúpula dos povos que se caracterizou por acontecer como um evento paralelo e crítico às propostas de sustentabilidade discutidas pelos participantes da Rio+20, configurando um espaço promovido pelos movimentos sociais.

Considerando esses acontecimentos como indicadores de limites que determinam a realidade do mundo contemporâneo nos últimos anos, sinalizando a iminência de uma crise ambiental que vimos experienciando, nos capítulos 3 e 4 deste estudo coloco sob suspeita visibilidades e enunciações retiradas das HQs do Chico Bento. Localizei, no material selecionado, um ponto de convergência, onde alguns desdobramentos do discurso ambiental são produzidos. Dentre tais desdobramentos, situo a crescente importância que vimos dando à preservação da Natureza – entendida como uma só, universal, previsível em seus movimentos. Esta pesquisa aplica em seus contornos metodológicos o estudo de algumas ferramentas da Análise do Discurso a partir de Michel Foucault. Um dos ensinamentos que tomo emprestado desse importante filósofo francês é que a realidade é fabricada, visibilizada e constituída a partir de discursos. No campo de saber sobre o qual aqui me debruço, entendo que os acontecimentos discursivos mencionados acima auxiliam na fabricação daquilo que hoje nomeamos como EA. Os modos como narramos, visibilizamos e delimitamos o campo ambiental constituem-no como um problema a ser resolvido. A EA é peça-chave nessa maquinaria que toma os acontecimentos de devastação ambiental como problema e a EA como suposta resolução para eles.

Com isso, tomamos a análise das histórias em quadrinhos como um artefato cultural que identifica problemas, propõe ações e exerce um papel educativo. Para valer-me dos ensinamentos foucautianos é necessário entendermos inicialmente o que é o discurso para o autor. Frente a essa necessidade, é pertinente compreender que, para Foucault, a Análise do Discurso é uma modalidade de arqueologia, porém diferente do sentido dado pela Geologia, que se volta para análise do subsolo ou da Genealogia, quando procura descrever os começos e suas sucessões. Assim, a Análise do Discurso em Foucault parte dos arquivos enquanto modalidade definida por regras que possibilitam sua descrição. Desta forma, em um primeiro momento, é preciso colocar

sob suspeita todas as categorias ou conceitos que indicam continuidade histórica ou que reduzem as descontinuidades de uma maneira tal que o sujeito é visto sinteticamente.

Para Castro (2009), Foucault indica três grupos de categorias ou conceitos que devem ser percebidos: categorias que relacionam discursos, categorias que classificam discursos e categorias que garantem a continuidade dos discursos. No primeiro grupo, encontra-se a noção de tradição que permite identificar permanências, mesmo que aconteçam as mudanças; a categoria de influência, onde se estabelece uma causalidade pouco explícita entre indivíduos, obras, conceitos e teorias e as categorias de mentalidade e espírito que permitem relacionar fenômenos de uma mesma época que são sucessivos e acontecem simultaneamente. No segundo grupo são encontradas as categorias de gênero, livro e obra onde Foucault problematiza a evidência dessas categorias, colocando em suspenso a unidade entre os discursos e a unidade material do livro. Os discursos não se restringem ao material, pois, além do título, do começo e das linhas finais, há um conjunto de referências a outros discursos e a outros autores. E no terceiro grupo aparecem as noções de origem e interpretação diante de todo acontecimento, pois, por mais novo que seja o acontecimento, sua origem é historicamente inverificável para além da formulação dos enunciados, para além do dito, do não dito, da intenção do sujeito, sua atividade consciente ou o jogo das forças inconscientes. Sendo assim, é prudente haver abertura e flexibilidade nas formas, contornos e caminhos da pesquisa, mesmo que seja fundamental manter a rigorosidade no trato analítico das fontes. Isso, para ele, não é sinônimo de engessamento da pesquisa. Nesse sentido, tomando várias passagens dos diferentes livros e entrevistas concedidas por Foucault, é possível pensar a Análise do Discurso como um dos muitos caminhos metodológicos no campo das Ciências Humanas e Sociais. Segundo o autor:

[...] O que me interessa, no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em dado momento. Não é o sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições (FOUCAULT, 2012a, p. 249-250).

O discurso é constituído de diferentes enunciados, que são tomados como partículas, átomos que, agrupados, dão corpo àquilo que entendemos por discurso, fabricando verdades e sentidos às nossas formas de viver determinado momento histórico. De acordo com Foucault:

[...] o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte: como um átomo do discurso (FOUCAULT, 2012, p. 96).

Desta forma, vislumbrou-se com isso trabalhar a pesquisa de forma qualitativa, a partir da organização das enunciações em séries, por mim definidas, com o objetivo de aproximá-las ou dispersá-las, identificando regularidades presentes no discurso em suas diversas histórias, com a finalidade de, a partir das enunciações, criar/fabricar enunciados sobre tal discurso.

Essa prática da pesquisa, orientada no sentido foucaultino de analisar discursos, assume como objetivo considerar apenas o que está na superfície, na exterioridade, isto é, apresenta-se, de alguma forma, o dito, o exposto, o visível. Não há nessa pesquisa a pretensão de interpretar, sugerir uma leitura para além do que aparece, ou supor que há uma essência capaz de contradizer o que está afirmado, sugerindo ações ideológicas desvinculadas das práticas. Assim, de acordo com Henning, Garré e Vieira:

Em se tratando de análise do discurso é necessário compreender a crise ambiental em seu conjunto de enunciações, de enunciados, bem como entender em que outros discursos se apoiam e se entrelaçam tal discurso (HENNING; GARRÉ; VEIRA, 2013, p. 107).

Desta forma, o material empírico está organizado com o intuito de agrupar as enunciações recorrentes sobre a natureza nas diversas histórias do Chico Bento, procurando fabricar enunciados que permitam compreendermos a EA como ferramenta potente no mundo contemporâneo, à medida que constitui um campo de forças capaz de mobilizar sujeitos, educando-os. A intenção aqui é trabalhar o conceito de discurso tal como descrito por Foucault (2012), ou seja, correspondendo a um conjunto de enunciados que tem a mesma regra de funcionamento, a mesma formação discursiva. Daí, entendo que as enunciações entram na ordem do dito e do visível, dando suporte ao discurso de natureza em questão. Assim, é necessário esclarecer o que é entendido como visível e enunciável nesta dissertação. Nesse sentido, isso diz respeito, de acordo com Fischer:

[...] á produção de pensamento sobre o que se pode ver e o que se pode dizer numa determinada época, sobre continuidades e descontinuidade das coisas ditas em certo tempo e lugar, sobre modos de subjetivação desviantes e modos capturados pelas redes de poder e saber. (FISCHER, 2012,p.133-134).

Ainda, conforme Fischer(2012, p.134) o enunciável e o visível aparecem relacionados a práticas discursivas e não discursivas produzidas de formas muito específicas e que falam de certo tempo e lugar, falam de determinadas relações de poder e produzem sujeitos de certa forma. Assim sendo, o enunciável aparece sempre junto do visível. O visível é pensado, aqui, como uma trama de visibilidades (FISCHER,2012) , a saber: o gibi enquanto produto, com uma rica linguagem visual, possível de ser analisada nos detalhes – os personagens em jogo, as paisagens apresentadas como Natureza, o texto propriamente dito, o produto e sua inserção numa política global de produção e circulação. Também, estão relacionadas a visibilidade produzida nas HQs os modos de articulação do público com o gibi. Além disso, a trama das visibilidades depende das condições de emergência de certos discursos que são constitutivos de determinada época e lugar. Diante disso, algumas visões de natureza aparecem bastante destacadas.

Sendo assim, me interessa verificar que verdades estão sendo produzidas nas HQs e de que forma essas verdades vêm contribuindo para uma certa EA. Como o discurso sobre natureza convoca o olhar dos sujeitos para problemas sociais, políticos e econômicos? Ainda dentro dessa perspectiva, é preciso analisar o sistema de regras que torna visível a prática discursiva colocada em movimento pelo artefato cultural midiático, nesse caso específico, os gibis.

A partir disso, faço referência às implicações políticas presentes na linguagem que caracteriza o personagem Chico Bento, visto que alguns sentidos são atribuídos ao povo que vive nas regiões rurais e tem suas atividades cotidianas vivenciadas no campo. Vê-se uma simplificação desses indivíduos. As HQs aqui analisadas não dizem nada a respeito de questões sociais e culturais que pontuam a emergência de uma Natureza no discurso desses sujeitos; portanto, não analiso, nem descrevo a Natureza deles. Essas diferenças são deslocadas. Conforme Procópio:

As histórias de Chico Bento não têm por objetivo estabelecer modelos fixos nem estereótipos sobre o universo rural e por isso não precisam recorrer às práticas sociais legitimadas. Os quadrinhos de Chico Bento visam um modelo de leitura deste universo rural, modelo este que é construído a partir das experiências culturais partilhadas pelos sujeitos envolvidos neste contrato de comunicação. (PROCÓPIO, 2009, p. 201)

Assim, a superfície do nível enunciativo está condicionada ao que encontrei nos gibis. Definidos os enunciados, minha pretensão foi problematizá-los no contexto da ordem discursiva, explicitando os atravessamentos de outros ditos. Conforme afirmam

Henning, Garré e Vieira (2013, p. 107): “É no dito e no visível, aqui especificamente a partir da mídia, que pretendemos investigar que verdades nos atravessam e nos ensinam a assumir formas ideais de ser, de pensar e de agir”.

Ao colocar em suspenso o discurso de natureza nas HQs do Chico Bento minha intenção foi provocar rupturas com a visão única e consensual de formas culturais pré-estabelecidas pela modernidade no que diz respeito à delimitação de espaços que separam natureza, cultura e sociedade. Dito isso, o esforço consistiu em descrever o conjunto de intencionalidades que configuram determinadas relações de força entre saber e poder para que a natureza possa, hoje, ser tomada como um discurso potente que auxilia nas nossas formas de ver e entender os modos como devemos nos relacionar com ela.

Sendo assim, minha proposição ao trabalhar com algumas ferramentas da Análise do Discurso de Michel Foucault nas HQs foi interpelar formas visíveis de definir o que é natureza, meio ambiente e EA no mundo contemporâneo, questionando como somos mobilizados por esses discursos que organizam e dão sentido às práticas educativas voltadas para a constituição de “sujeitos verdes”.

Como bem sei, os estudos de Foucault não se dedicaram em “criar um método”, mas apenas evidenciar possibilidades de análises no campo das Ciências Humanas e Sociais. Com isso, assumo esse autor não em seu cunho metodológico, por assim dizer, mas o tomo naquilo em que ele se mostra potente e instigante para o trabalho dessa pesquisa. Assim, na próxima seção, apresento alguns contornos teóricos que me auxiliaram a ver o discurso de natureza nas HQs sob análise. É a partir das lentes foucaultianas que meu estudo se concretizou.

1.3. Implicações teóricas na fundamentação do objeto de pesquisa

Neste momento, o esforço empreendido tem como principal objetivo esclarecer como realizei esta pesquisa de dissertação, apresentando alguns conceitos que estiveram no horizonte deste trabalho. Interessou-me ver como as visibilidades e as enunciações selecionadas nas HQs sustentam determinadas práticas que justificam a emergência da EA como dispositivo (GARRÉ, 2015) fundamental no campo do saber para a constituição de sujeitos “verdes”, ou seja, orientados para agirem dentro dos padrões ecologicamente aceitáveis para uma sociedade que se projeta a partir da ideia de sustentabilidade, por exemplo. Com isso, para constituir uma prática investigativa

eficaz, analisei enunciações relativas à natureza, cidade, campo, meio ambiente, desenvolvimento, modernidade, progresso, homem e EA.

Desta forma, alguns autores, a partir das definições conceituais que trazem, foram importantes na construção desta dissertação. Dessa maneira, destaco a discussão sobre o que permite a visibilidade de algumas enunciações sobre a natureza, colocando-a em perspectiva. Para Marcello (2003), é preciso compreender as linhas de força que operam os saberes capazes de nomear, determinar problemas, dando forma visível a tais verdades no tempo em que são produzidas; assim, o enunciável se torna o limite do visível.

Tais unidades (visível e enunciável) só podem ter existência a partir de uma combinação meticulosa entre palavras, frases e proposições; a partir de um entrecruzamento específico que, então, lhe confere condição de existência (MARCELLO, 2003, p. 81).

Com isso, posso afirmar que me interessam, nesta análise, os ditos, a enunciabilidade dos personagens das HQs ao discorrerem sobre natureza. Junto a isso, interessa-me também olhar para a visibilidade, as imagens que fabricamos acerca dos modos como enxergamos a natureza.

Assim, o visível foi tratado a partir do produto, o próprio gibi. Desta forma, foram considerados os detalhes específicos da linguagem ali contida, os personagens em jogo, as figuras, o texto, as sequências narradas nas histórias, as estratégias para capturar determinados públicos, enfim, os modos de articulação do público com esse artefato midiático. Com isso, procurei trazer à superfície parte da trama das visibilidades que são condição de possibilidade para a produção do discurso de natureza e sua emergência na época atual. Isso está associado a acontecimentos políticos, a processos econômicos e a práticas culturais, enquanto acontecimentos ligados também a espaços institucionais definidos, como a escola, por exemplo. Nesse contexto, o enunciável, o dito, parte de uma dada materialidade visível e, embora não se reduza a ela, aparece no seu interior. Desta forma, segundo Foucault:

Nem oculto, nem visível, o nível enunciativo está no limite da linguagem: não é, em si, um conjunto de caracteres que se apresentariam, mesmo de um modo não sistemático, a experiência imediata; mas não é, tampouco, por trás de si, o resto enigmático e silencioso que não traduz. Ele define a modalidade de seu aparecimento: antes sua periferia que sua organização interna, antes sua superfície que seu conteúdo (FOUCAULT, 2012, p. 137).

Diante desses ensinamentos teórico-metodológicos, minha pretensão foi dar a ver as visibilidades – muitas vezes operadas através das imagens das HQs – e as

enunciabilidades – o dito, compondo os modos como tais histórias vão narrando e fabricando uma certa Natureza. Vale lembrar: ensinando os modos *corretos* de experienciá-la, compondo com isso certas educações ambientais mais *legítimas* e *necessárias* em tempos contemporâneos. É sobre essas verdades fabricadas e imiscuídas nas tramas sociais que esta pesquisa se debruçou.

Conforme Keith Thomas (1988), a visão que temos da natureza, definida na intersecção entre o homem e o mundo natural, se constituiu na emergência da sociedade industrial a partir do século XVIII, procurando classificá-la, descrevê-la, dominá-la, idealizá-la; enfim, estabelecendo critérios de pureza para dizer o que é natural e dessa maneira esquadrinhando as espécies animais, vegetais e minerais à medida que avança o processo de industrialização. Para esse autor:

O início do período moderno de fato engendrou essa sensibilidade cindida, da qual sofremos até hoje. O útil e produtivo provavelmente seria o feio e repulsivo. Tal atitude tinha uma longa pré-história: os poetas e artistas sempre foram seletivos quanto às atividades humanas que escolhem para pintar como belas ou enobrecedoras; e, como vimos, não era novo o protesto contra a poluição industrial. Mas realmente não havia precedentes para o tom das queixas do final do século XVIII sobre o efeito desfigurador das novas edificações, estradas, canais, e do turismo e da indústria (THOMAS, 1988, p. 339).

Essa cisão traçada pelo caminho moderno, articulando saberes, dando sentidos lógicos para ações políticas, econômicas e culturais, criando espaços educativos com a pretensão de consolidar algumas práticas sociais como normativas aparecem também na preferência literária, no gosto romântico pela natureza sem mal, onde se respira ar puro e é possível descansar, se mantendo a distância do mundo caótico ou a serviço desse mesmo mundo. Meyer (2008) atenta para o contexto que tem caracterizado a vida ocidental, onde a natureza deixou de ser um sujeito animado, dotado de vida e passou a ser vista de forma a ser manipulada, explorada e transformada. Para essa autora, a modernidade capitalista impõe uma ordem hierárquica onde os seres humanos são considerados superiores, se sentindo superiores e, por isso também, excluídos da natureza. Com isso, vamos dando tom e luz à consigna moderna: “o homem será o senhor e possuidor da natureza” (Bacon, 2007), sustentando o antropocentrismo como componente central nos modos de encarar o mundo e a natureza. Ainda, de acordo com Meyer (op. cit.), conceitos como civilizado e moderno em determinado período histórico significaram romper com o mundo natural e com outro percebido como selvagem, primitivo, atrasado e ignorante. Paradoxalmente, após a conferência de Estocolmo, em 1972, esses termos passam também a determinar aqueles que procuram

a preservação e o cuidado do planeta Terra, delineando uma ideia de natureza a existir.

De acordo com Serres:

Ora, ainda aqui, a lama engole os contedores; o rio ameaça o combatente: a terra, as águas e o clima, o mundo silencioso, as coisas tácitas aí colocadas outrora como cenário em redor de representações vulgares, tudo isso, que nunca interessou a ninguém, brutalmente e sem dizer água-vai, se interpõe a partir de agora entre as nossas manigâncias. Irrompe na nossa cultura aquilo de que nunca tínhamos formado senão uma idéia local e vaga, cosmética – a natureza (SERRES, 1990, p. 14).

Assumindo essas marcas com indicativos de verdades historicamente constituídas, cuja força nos interpela movimentando nossas decisões, tomei as HQs do Chico Bento como um desses elementos externos, artefato da cultura, que dá visibilidade às verdades do nosso tempo sobre a natureza enquanto mobilizadora de ações no mundo.

É necessário, desse modo, perceber o saber mobilizado no discurso de natureza para capturar o olhar dos indivíduos assujeitados nos espaços onde a vida se desenvolve, onde valores morais são estabelecidos e assim é produzida e afirmada a ordem cultural. Há uma rede de relações de forças que aplicadas umas às outras criam formas de expressão tornando o poder criativo, concreto, sensível, perceptível, externo, verdadeiro, enfim, educativo. Podemos dizer que isso se dá no ato de fabricação das verdades do tempo presente. Segundo Veiga-Neto:

[...] Cada um de nós ocupa sempre uma posição numa rede discursiva de modo a ser constantemente “bombardeado”, interpelado, por séries discursivas cujos enunciados encadeiam-se a muitos e muitos outros enunciados. Esse emaranhado de séries discursivas institui um conjunto de significados mais ou menos estáveis que, ao longo de um período de tempo, funcionará como um amplo domínio simbólico no qual e através do qual daremos sentido às nossas vidas (VEIGA-NETO, 2004, p. 57, grifos do autor).

Assim, o conceito de natureza foi analisado em articulação com aspectos da cultura que o promove, indicando um sentido prático sempre afirmativo, indo ao encontro das prerrogativas dos ambientalistas ou de outros sujeitos que fazem uso das propostas vinculadas ao campo da EA. Conforme Guimarães (2007, p. 240): “[...] entender a cultura como prática de significação implica vê-la como estando intimamente conectada às relações de poder que estão em jogo na práticas sociais”.

Seus jogos de força e sua fabricação de saberes estão imersos nas páginas das HQs sob análise. As verdades expressas nesse artefato midiático são contingentes ao nosso tempo, aos nossos modos de encarar a natureza e travar com ela experimentações.

O que ancorou essa investigação foi entender que essas verdades são produzidas nos interstícios da cultura, fazendo-nos olhar para algumas enunciações e aceitá-las como legítimas. As verdades presentes nessas histórias não se vinculam à essência do conceito de Natureza. Muito pelo contrário: tais verdades são fabricações e invenções produzidas por nós e tomadas como legítimas. É a partir do desejo de dar visibilidade ao discurso de natureza que esta pesquisa se produz. Passemos a ela então!

Capítulo II

2. A NATUREZA COMO PROBLEMA TEÓRICO

2.1. Introdução

A importância de problematizar as HQs do personagem Chico Bento parte de possíveis práticas que elas enunciam no que diz respeito ao discurso de natureza. São problemas com causas, consequências e soluções previsíveis relativas a um conjunto de acontecimentos determinados no tempo e no espaço. A visibilidade desses temas que interessam, sensibilizam e assujeitam indivíduos na contemporaneidade são evidenciados pelos problemas ambientais que atravessam nossa época, justificando a EA como campo de conhecimento emergente e necessário.

Uma análise prévia das HQs nos permite anunciar que as questões relativas à natureza são tomadas como concretas, perceptíveis através de diferentes ações propostas como forma de encontrar caminhos viáveis para solucionar os problemas ambientais representados nas histórias. Desta maneira, algumas regularidades presentes nas ações e nas falas que dão vivacidade ao personagem Chico Bento indicam enunciações que tornam visíveis determinadas concepções em que identificamos distanciamentos entre o espaço urbano e o espaço rural, o desenvolvimento econômico e o desequilíbrio social, as implicações do progresso material como ideal civilizatório. Tais marcas evidenciam uma prática cultural separada do mundo natural. Por isso, entendo que é pertinente a análise das enunciações do personagem Chico Bento.

Neste capítulo da dissertação, vou demarcando os contornos teóricos que dão visibilidade para os modos como problematizo o discurso de natureza presente no *corpus* discursivo dessa pesquisa. Para isso, pretendo discutir, neste momento, o Paradigma Moderno e seus modos de narrar a natureza como algo a ser desbravado pelo homem. Em seguida, apresento o campo teórico constitutivo da EA como área do saber, analisando-o a partir dos discursos sobre Natureza. E, por fim, problematizo as verdades afirmadas sobre a Natureza a partir de algumas provocações trazidas pelos Estudos Culturais e pelo pensamento pós-estruturalista.

2.2. Demarcando fronteiras teóricas: os modos de olhar e narrar a natureza no Paradigma da Modernidade

A Modernidade é marcada por colocar o Homem, no sentido de humanidade, no centro dos acontecimentos e da História nos últimos 500 anos. Diante disso, a Natureza é apresentada sob diferentes perspectivas que podem ser entendidas como modernas por serem constituídas nesse período e contextualizarem as peculiaridades das épocas e lugares que a delimitaram. Nesse sentido, o discurso do Naturalismo, marcado pelo olhar conservacionista e preservacionista, e as teorizações críticas provenientes e decorrentes do movimento ambientalista serão entendidas como discursos que nos educam e que são fundadores do olhar contemporâneo sobre o que é a Natureza.

Posto isto, na tentativa de problematizar a produção da linguagem estabelecida nos gibis sob análise, tomo como mediador o filósofo francês Michel Foucault. Ele me auxiliará na tarefa de colocar em suspenso o discurso de Natureza das HQs do Chico Bento. De acordo com Fischer, ao estudarmos o discurso:

Trata-se de um esforço de interrogar a linguagem – o que efetivamente foi dito – sem a intencionalidade de procurar referentes ou fazer interpretações reveladoras de verdades e sentidos reprimidos. Simplesmente perguntar de que modo a linguagem é produzida e o que determina a existência daquele enunciado singular e limitado (FISCHER, 2012, p. 80).

A partir disso, interessa-me descrever como essas formas expressam o paradigma da Modernidade e ainda nos produzem, constituindo verdades que, atualizadas, buscam incessantemente a relação direta entre as palavras e as coisas (FOUCAULT, 2007). Desta maneira, Vieira nos interpela sobre as verdades midiáticas:

Que verdades são essas que nos atravessam, constituem e também moldam nossos modos de ser e viver no mundo? Nesse contexto, torna-se importante problematizarmos questões como essas relacionadas à natureza e ao meio ambiente, tão recorrentes na mídia, entendendo, para isso, que os veículos de comunicação são potentes na produção de saberes e verdades no campo da Educação Ambiental (VIEIRA, 2013, p. 28).

Considerando esse entendimento, penso que é importante discorrermos um pouco sobre as implicações implícitas ao termo “paradigma”, pois, de maneira geral o uso dessa palavra pode servir para justificar muitas ações imprecisas no campo teórico e nos espaços de discussão científica e acadêmica. Segundo Veiga-Neto (2002), precisamos ter cuidado ao utilizarmos esse conceito. Conforme o autor referido nos informa, as polêmicas em torno da noção de paradigma aparecem depois da publicação da 1ª edição do livro de Thomas Khun “A Estrutura das Revoluções Científicas”, em 1962. Nesse livro, o termo é aplicado para demonstrar as transformações no campo das

Ciências Naturais, o desenvolvimento das pesquisas em torno de alguns temas potentes que definiram o estatuto da área de atuação de cada uma delas (Química, Física, Biologia, etc.).

Para Thomas Khun (2011) o avanço científico se dá por deslocamentos, saturação de determinadas formas explicativas dos fenômenos sob análise. Com isso, os cientistas se movimentam organizados em comunidades, por aproximação e distanciamento, ao invés de evolução progressiva. Justificam-se, através de um olhar determinado sobre o mundo, se apoiando uns aos outros pela realização de pesquisas que seguem um padrão cujos dados acrescentados fortalecem as temáticas e as conceitualizações já reconhecidas no campo científico de cada um desses grupos.

Porém, novas linhas de pesquisa e conseqüentemente novas comunidades de pesquisadores se formam no momento em que um determinado modo de apresentar e explicar problemas não dá mais conta do que está sendo visto como realidade ou não é aplicável ao problema posto. Ou seja, o conhecimento não se dá por acúmulo. Essas rupturas no campo das Ciências, os deslocamentos, a formação de novas comunidades de pesquisadores, onde há aproximações e afastamentos a partir da afirmação de determinadas verdades e desconsideração de outras verdades, o que acontece quando um conjunto de pequenas explicações sustentadas se universaliza em torno de um termo capaz de designar um sentido geral, válido, aplicável, combativo. Um exemplo desse movimento são as discussões éticas que atravessam as pesquisas sobre clonagem ou transgenia.

Nas Ciências Humanas, é interessante utilizar a noção de paradigmas em um sentido mais fraco, com características mais flexíveis, menos duras, nas palavras de Veiga-Neto (2002). Para isso, são necessários alguns cuidados evitando as afirmações e as explicações universais que eliminam o sentido local e histórico do que está sendo dito. Por isso, pesquisadores das áreas de Ciências Humanas, principalmente, aqueles ligados ao campo da Educação, quando apresentam suas pesquisas, devem informar com clareza de onde estão falando, a partir de que metodologia foram constituídos os dados da pesquisa e como o paradigma criticado ou sustentado está situado a partir dos autores e conceitos aplicados ao tema pesquisado. Visto que entra em jogo a nossa subjetividade motivada por infinitas determinações do tempo que estamos vivenciando e, nesse sentido, os afastamentos e as aproximações se dão muito mais por convicções éticas e políticas do que por um esgotamento da análise dentro das perspectivas teóricas escolhidas. De acordo com Veiga-Neto:

Nas Ciências Humanas, a situação é bem diferente: não havendo, na imensa maioria dos campos, um acordo paradigmático unitário, é sempre necessário explicar onde se está, de onde se fala, quais instrumentos se adotam. Isso é tão mais importante na medida em que uma mesma palavra pode assumir – e, de fato, assume – sentidos bem diferentes, de paradigma para paradigma, e até mesmo de teoria para teoria, dentro de um mesmo paradigma (VEIGA-NETO, 2002, p. 45).

Assim, é preciso compreender o que constitui o paradigma Moderno para esta pesquisa. Passamos a designar o movimento que se estabeleceu na Europa, principalmente, a partir do século XVI, baseado no surgimento do pensamento científico com o método experimental de Galileu Galilei e Francis Bacon e com o método racional de René Descartes. Somado a isso, esse paradigma assume como legítimas as concepções dos filósofos do Iluminismo, determinando o conhecimento e a razão como única forma de atingir a verdade em contraste com outras maneiras de praticar o saber. Essas práticas científicas e racionais implicavam a tentativa de domínio total da Natureza, conhecendo todas as suas propriedades, classificando-as e induzindo os resultados mediante testes. Desveladas essas verdades, identificados os elementos pesquisados a partir da análise de dados comprovados, estabelecem-se os critérios de falsidade e erro. Também, na Modernidade, passam a ser consideradas as mudanças ou inovações no sentido de progresso, evolução, esclarecimento, superação. São, assim, formuladas as bases de afirmação dos postulados teóricos e científicos voltados para as grandes explicações universais, constituindo as metanarrativas que determinarão o enquadramento do mundo natural pelo humano, civilizado.

Há, desta forma, uma definição da realidade sempre como representação estabelecida pela racionalidade através do método de investigação. Para Veiga- Neto:

Estimulados pelas conquistas científicas, homens como Bacon e Comte foram buscar nas Ciências da Natureza os métodos e as lógicas para compreender e analisar fenômenos também do mundo social, psicológico, econômico etc. Nas suas formas mais “duras”, esse empréstimo originou o positivismo do século XIX e, especialmente, no século XX, o empirismo lógico do Círculo de Viena. Nas suas formas mais “brandas” – porque associado às reflexões filosóficas do Idealismo Alemão – tal empréstimo originou o pensamento crítico (VEIGA-NETO, 2002a, p. 25-26, grifos do autor).

Sendo assim, a razão praticada nas Ciências Humanas, enquanto aplicação de leis que explicam o desenvolvimento e a organização da sociedade mediada pelas relações com a natureza se desenvolveu tendo como referência as Ciências Naturais. Sobre esse prisma teórico, o paradigma Moderno apresenta, de acordo com Veiga-Neto (2002a, p. 26): “[...] o progresso como resultado teleológico da História, a consciência

como um estado a ser atingido pelo uso correto da razão e a linguagem como um instrumento capaz de descrever e, de certa forma, representá-lo”.

O desdobramento desse paradigma no olhar positivista do século XIX significou a representação da Natureza ao pé da letra. A ponto de descrever os detalhes mais genéricos. Do ponto de vista crítico, a lógica dialética estava preocupada com a visão distorcida da realidade, coberta pela ideologia, produzindo ilusões. Tanto o olhar positivista como o olhar crítico estão orientados por verdades universalizadas que devem ser aceitas como válidas. Desta maneira, através da racionalidade científica, depois de recolhidas as informações, no caso dos positivistas, ou superadas as falsas consciências, no caso dos críticos, o homem seria capaz de acessar a verdade do mundo. Assim, justificaram-se práticas salvacionistas voltadas para a previsão do futuro.

A repercussão dessas práticas sustentadas por uma racionalidade ocidental universalizada, tendo a Ciência como um dos pilares de sustentação do discurso, demonstrou-se questionável diante de conflitos de toda a ordem e da pluralidade cultural manifestada. Em nossa contemporaneidade, dadas as fraturas visíveis da solidez científica moderna, o mundo ocidental vem sendo provocado a pensar-se sob outros saberes, para além do científico. No entanto, sabemos, evidentemente, das marcas modernas que carregamos e fabricamos em nossas vidas. Coloco em exame, nessa pesquisa, tais marcas presentes nos nossos modos de narrar a natureza.

Sendo assim, a HQ - “Chico Bento em: Aquela Saudade do Sítio” (SOUSA, 2009, n. 36, p. 53) – sintetiza a força paradigmática do discurso moderno de Natureza. Em um passeio com seu primo pela cidade, o personagem Chico Bento compara as situações da vida urbana a coisas existentes no espaço rural do sítio, demonstrando o quanto sente saudades do *seu* lugar de origem. No mesmo instante irrita-se quando seu primo o critica por não estar curtindo o agito da cidade e viver pensando no “buraco em que vive”. Chico Bento se defende, dizendo a seu primo que o sítio não é um buraco e ele deveria conhecê-lo melhor, pois “lá tem tudo de bom! Natureza, ar puro, liberdade, brincadeira...”.

Como são possíveis essas separações tão intensas? O que permite a circulação dessas enunciações como constitutivas da nossa realidade? Que formas são essas que produzidas dão visibilidade ao real? Conforme Henning:

[...] Esse jogo de oposições implica disputas e silenciamentos: o exercício do poder, como diz Foucault (2007), cria objetos de saber que produzirão informações a serem acumuladas e utilizadas. Dessa maneira, o canal midiático evidencia-se como um dos mais proeminentes locais legitimadores da verdade (HENNING, 2012, p. 15).

Diante dessas verdades legitimadas, cabe apresentarmos algumas questões que atravessam o entendimento de Natureza na perspectiva da modernidade própria ao ocidente. Para Isabel Carvalho (2012), o advento da modernidade, ao buscar a construção de um conhecimento “puro” que pudesse ser racional e verificado a partir de leis gerais, acabou reduzindo a complexidade de relações que envolviam a definição dos objetos. Desta forma, a separação empreendida consolidou uma percepção mecânica, uma visão dualista do mundo e da natureza. Isso determinou a pretensão moderna de dominar a realidade, manipulando-a como uma engrenagem, além de condicionar outras formas de oposição e separação que fundamentaram o pensamento a partir do século XVII. Dessa maneira, as práticas científicas se caracterizaram pela abstração, isolando os materiais de seu meio com o objetivo de neutralizar as mediações presentes nas relações que definem o olhar do sujeito sob o objeto. A partir do desenvolvimento da Ciência, a busca pela objetividade, pela certeza, pela verdade e pela razão universal passou a definir o que deve ser considerado e desconsiderado entre natureza, cultura e sociedade. Essa maneira de olhar para o mundo e pensá-lo criou pares que se excluem, entre eles, natureza e cultura, indivíduo e sociedade, corpo e mente. Estes processos definiram a tradição do pensamento Ocidental nos últimos 300 anos e, envolvidos por essas práticas, nos constituímos enquanto sujeitos modernos. Tais perspectivas definiram o paradigma que hoje está em crise por não apresentar respostas aos problemas contemporâneos, principalmente aqueles que dizem respeito às tentativas incessantes do homem moderno de domínio sobre a Natureza.

De acordo com esses parâmetros de organização e classificação estabelecidos na modernidade, é necessário educar os indivíduos para que tenham consciência, sejam cidadãos e saibam identificar os erros, o falso, o verdadeiro, as causas e as consequências, o bem e o mal, sempre demonstrando as contradições e sintetizando o melhor caminho a seguir. Um dos instrumentos potentes para efetivar essas práticas educativas é o que os Estudos Culturais denominam Pedagogia Cultural presente nos artefatos midiáticos. Para Wortmann:

[...] todas essas produções conectadas penetram de forma cada vez mais intensa, rápida e constante no cotidiano dos sujeitos nessas sociedades da informação. E é em função disso, que ganha importância discutir como meios de expressão/produção cultural, tais como a televisão, o cinema e a literatura (um tipo de produção cultural que de certa forma nos poderia conectar a outros tipos de sociedade) valem-se dos muitos e diferenciados discursos que circulam em tais sociedades, instituindo múltiplas representações que

passam a marcar os sujeitos e as suas visões de mundo (WORTMAMM, 2004, p. 152-153).

Nesse aspecto, os vinte anos que configuram a última década do século XX e a primeira do século XXI apresentaram uma multiplicidade de formas que passaram a constituir possibilidades de ser e estar no mundo. Todo um campo de preocupações emergiu produzindo novos posicionamentos nas diferentes áreas que compreendem o conhecimento, envolvendo questões formuladas pela Ciência, pela Filosofia, pelas Artes, pela Economia e pela Política em um tempo histórico caracterizado pela rapidez dos acontecimentos, expansão dos mercados consumidores, desenvolvimento tecnológico avançado e políticas de controle estatal, reivindicando como justificativa para suas ações a produção e a reprodução das formas de vida no planeta.

Partindo dessa perspectiva, o ambiente passa a ser um componente fundamental no pensamento e nas práticas dos mais variados grupos constituintes da sociedade desde os movimentos ambientalistas, passando por governos e empresários com atividades direcionadas pelo conceito de sustentabilidade. Cria-se, assim, a condição para a emergência de uma nova indústria dinâmica, envolvente, que atrai profissionais das mais variadas áreas do conhecimento e reorganiza o olhar daqueles que trabalham no campo da comunicação: mídias impressas e virtuais. Conforme Duarte:

Na medida em que cada vez mais o real, a natureza e o próprio homem são tecnicamente produzidos, cada vez mais fará sentido falar em realidade virtual, em natureza virtual ou artificial e mesmo na verticalização artificial do próprio homem. A hipótese a respeito da moderna produção técnica da natureza, da realidade e da humanidade traz consigo a implicação de que tanto a natureza quanto a realidade e a própria humanidade também possam vir a ser tecnicamente destruídas, como ressaltou Hannah Arendt. (DUARTE, 2010, p. 191).

Compreendendo esses aspectos, as formas de natureza definidas implicam desdobramentos demonstrativos das relações de força que atravessam os indivíduos em todos os espaços de convívio social. Há, então, escolhas criativas de imagens, comportamentos e falas destacando o que deve ser visto, entendido e pensado pelos indivíduos para que se tornem “sujeitos”. Ao descrever as possibilidades de EA procurando problematizá-las, alguns autores propõem alternativas às abstrações racionalistas que fundamentaram o pensamento na sociedade ocidental durante os séculos XIX e XX, constituindo o paradigma da modernidade. Para Kirchof:

[...] as práticas ambientais e os pressupostos que as orientam podem ser vistos como invenções datadas e que, a partir de um momento inaugural, ordenam-se de modo a direcionar nossas ações. Tais invenções relativas ao meio ambiente e aos modos como com ele interagimos variam em contextos históricos distintos, embora muitas vezes se tenha atribuído um caráter universal e, até certo ponto, um teor de inevitabilidade a alguns processos e acontecimentos. Em outras palavras, argumenta-se que as questões ambientais são discursivamente produzidas em distintos espaços e artefatos da cultura, incluindo, entre estes, as diferentes manifestações da mídia (KIRCHOF, 2011, p. 119).

Assim, cabe ressaltar que para uma apropriação adequada das posições assumidas no que diz respeito ao caráter pedagógico das formas discursivas a serem analisadas, concordo com Lisboa (2008) quando afirma que as HQs são didáticas, de fácil compreensão, acessíveis até mesmo àquelas pessoas que não sabem ler as palavras escritas. Permitem outros tipos de leitura que podem ser empreendidas desde crianças pequenas a adultos que não foram escolarizados, pois a linguagem utilizada para compor as histórias vai além da perspectiva literária e é acrescida de uma linguagem gráfica e visual.

Convém, desta maneira, expor os conceitos que serão trabalhados com o objetivo de viabilizar a leitura cuidadosa do material da pesquisa, apresentando um caminho sobre o entendimento possível das verdades que determinam a EA. Segundo Isabel Carvalho:

[...] é importante não esquecer que esse encontro entre o ambiental e o educativo, no caso da EA, se dá como um movimento proveniente do mundo da vida – não puramente biológica, mas da vida refletida, ou seja, do mundo social. A preocupação ambiental presente na sociedade repercute no campo educativo (CARVALHO, 2012, p. 151).

No caso dos gibis do Chico Bento, encontramos imagens, conhecimentos e informações que despertam sensibilidades ao descreverem situações-limites relacionadas ao uso e à exploração da Natureza pelos humanos. Assim, enunciações e agenciamentos estão evidentes pelo emprego de palavras com um sentido educativo e moralizante, porém expressas de forma bem humorada. As singularidades que constituem as histórias em quadrinhos direcionadas à EA no Chico Bento serão descritas enquanto artefatos midiáticos potentes voltados para a produção de subjetividades sensíveis à forma idealizada de meio ambiente, onde natureza e sociedade são entendidas como limites uma da outra.

Esse entendimento do limite entre natureza e sociedade precisa ser delineado dentro das formas teóricas escolhidas para produzir o objeto deste trabalho de pesquisa, situando, desta maneira, o conhecimento mobilizado para constituir o problema do discurso de natureza nas HQs do Chico Bento. Sendo assim, o discurso encontra sua força na luta por reconhecimento travada entre as diferentes práticas sociais que ao produzirem saberes fabricam os sujeitos do conhecimento. Tais discursos são como estratégias utilizadas por seus praticantes através de táticas que afirmam o poder e a verdade que lhes cabe enquanto agentes da política localizada, determinada no tempo e no espaço. Isto é, emaranhada em intensas relações de poder que apresentam o novo, o contemporâneo, o atual, o verdadeiro e o falso como formas de marcar as diferenças, os deslocamentos dos problemas diante do que foi determinante em outros contextos históricos.

Apresento, então, algumas verdades produzidas pela potência das relações de força atreladas à fabricação de saberes. Essas verdades marcaram a percepção de natureza na modernidade para, em seguida, apresentar a natureza como parte constituinte dos conhecimentos que fundamentam as teorizações no campo da EA. Mediante essa perspectiva, passo a cercar, a definir condições para sustentar a tentativa de analisar o discurso de natureza do personagem Chico Bento. Essa rede de discursos se dá no interior desses jogos de linguagem, conforme afirma Foucault (2003, p. 9): “[...] como jogo estratégico, de ação e reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva, como também de luta”.

Segundo Mauro Grün (2012), a modernidade foi marcada pelo impacto do discurso do Método de Descartes, pela valorização do pensamento racional e pela abstração que caracteriza a existência de um sujeito que se pensa distante, a parte, capaz de nomear, descrever e controlar o mundo natural, dominando-o para satisfazer seus fins. Esse modo de dar forma à natureza justifica o que conhecemos como antropocentrismo: uma compreensão que reduz toda a vida existente a intenções humanas, deixando de cogitar quaisquer outras relações onde o homem não exerça um papel central. Tal posição pode ser encontrada em anúncios publicitários, em relatos dos viajantes e naturalistas, livros clássicos da ciência moderna e se desdobram ao longo da modernidade.

Nas visões que podemos classificar como românticas, a natureza aparece vinculada ao imaginário das trevas, do perigo, do imprevisível ou entendida como o paraíso perdido, o éden, o lugar da pureza. Diante do desenvolvimento industrial

Inglês, do ideal civilizatório ilustrado do século XVIII europeu e do desenvolvimento da economia capitalista e liberal durante o século XIX, uma nova relação com a natureza passa a ser estabelecida; agora será preciso domesticá-la, colocá-la à disposição da civilização, distanciando os seres humanos cada vez mais de outros seres. Outra compreensão da natureza se forma, passando a ser vista como fonte de matéria-prima para que uma natureza artificial seja criada, transformada em tecnologia e posta em circulação para a utilização do homem. Para Mônica Meyer (2008), a perspectiva do ser humano separado da natureza está estruturada em três grandes grupos dicotômicos:

[...] a) natureza edênica e natureza infernal; b) natureza selvagem e natureza civilizada; e c) natureza natural e natureza artificial. A concepção civilizada inclui as visões antropocêntrica, teológica e humanizada. A concepção de natureza natural inclui o pensamento naturalista e a de natureza artificial a abordagem didática e tecnológica (MEYER, 2008, p. 74).

A fim de trazer à tona o discurso sobre a natureza em um viés conservador orientado para a ideia de preservação, decorrente desse olhar dicotômico, no século XIX surgiram os primeiros parques de conservação e reservas naturais nos Estados Unidos. Tais parques cercavam grandes áreas não urbanizadas, áreas naturais com o objetivo de controlar o acesso humano, condicionando as práticas possíveis nesse locais a regras formalizadas que deveriam educar. Visualizamos, dessa maneira, uma concepção reduzida de natureza que, para Diegues (2008), se desdobra em um mito moderno de uma natureza intocada. Seguindo essa linha de raciocínio, o espaço natural passa a ser visto como exótico, espetacular, particular, a parte e oposto a uma natureza vista como fonte de matéria-prima, explorada e degradada pela ação humana. Porém, se movendo em torno do mesmo ponto, o homem permanece determinante, independente da situação.

A ideia de parque como área selvagem e desabitada, típicas dos primeiros conservacionistas norte-americanos, pode ter suas origens nos mitos do “paraíso terrestre”, próprios do cristianismo. A concepção cristã de paraíso, existente no final da Idade Média e no período anterior ao descobrimento da América, era de uma região natural, de grande beleza e rigorosamente desabitada, de onde o homem tinha sido expulso após o pecado original. No imaginário ocidental, ela poderia estar numa ilha ou em terras desabitadas além das colunas de Hércules. [...]. Esse mito do paraíso perdido e sua reconstrução parece estar na base da ideologia dos primeiros conservacionistas americanos (DIEGUES, 2008, p. 29, grifos do autor)

Com isso, os aspectos destacados no texto para definir a natureza nos discursos modernos anteriores ao século XX serão tomados como potentes para a fabricação de sujeitos ecológicos (CARVALHO, 2005), pois após a segunda Guerra Mundial, o contexto político ocidental será movimentado pelo surgimento de posições políticas, cujas críticas propõem uma tomada de atitude frente ao desenvolvimento capitalista, insistindo nos riscos da industrialização e na mercantilização da natureza. Principalmente depois da explosão da bomba atômica no Japão, em 1945, dos movimentos de contracultura da década de 1960 e do fortalecimento do movimento pacifista denunciando a Guerra do Vietnã e da ameaça constante da eclosão de uma guerra nuclear. Estendendo-se até o desastre ambiental de Chernobil, em 1986, e relacionado a esses acontecimentos emerge o movimento ambientalista, desenvolvendo como forma de afirmação de suas verdades o horizonte teórico de sustentação da EA como campo do conhecimento.

Nas práticas discursivas da EA, a natureza assumirá o ponto principal dos deslocamentos, convergências e divergências. Esse desenvolvimento teórico é afirmado quando, por exemplo, se consolidam as vertentes Naturalista e Crítica da EA.

Nesta primeira corrente, se desenvolvem dois discursos potentes que exaltam a natureza no intuito de conservá-la – o Conservacionismo – e preservá-la – identificado como Preservacionista (CARVALHO, 2012). Para os naturalistas, é preciso intensificar as interações com o ambiente natural, compreender os aspectos biológicos e físicos da natureza e problematizar as consequências da ação humana sobre a natureza. O espaço natural é percebido em contraposição ao mundo humano. Algumas ações demonstram a relevância prática da concepção Naturalista incorporada aos planejamentos das unidades de conservação (UC), nas trilhas ecológicas, ou seja, determinando os passos de grupos visitantes homogêneos ou de um público em geral. São destacados aspectos da evolução do ecossistema e seu funcionamento, enfatizando as características da fauna, da flora, dos recursos hídricos, etc. Os naturalistas, de acordo com Carvalho (2012, p. 81): “[...] atuam muito como explicadores e difusores de verdades incontestes, depositadas na natureza e em um real que, em sua objetividade, não deixa margens para interpretações”.

A perspectiva do Naturalismo está associada a uma visão romântica da natureza, praticada a princípio pelos expoentes do movimento romântico o século XIX na Europa. A característica principal desse movimento era despertar novas sensibilidades, escolhendo lugares onde é possível ver e sentir a natureza. Há a valorização estética do

natural, atribuindo-lhe requintes próprios de valores humanos, como a bondade e a beleza. É vista, também, como fonte de energia pura, onde a vida renasce. Nesse aspecto, o sentimento bucólico que remete a uma natureza harmônica, fonte de vida, pode ser traduzido em termos rousseauniano pela convicção expressa no bom selvagem como oposto ao civilizado corrompido. Isso significa dizer, em contraponto ao racionalismo iluminista, que a natureza só pode ser entendida quando distanciada da interferência humana, aprendida enquanto virgem, não violada pela ação dos humanos. Nas palavras de Guimarães (2008, p. 94): “A urbanização acelerada, a expansão agrícola e a industrialização crescente colocavam em destaque discursos de valorização estética da natureza como uma fonte de bondade e beleza”.

Os racionalistas compreendiam a natureza por intermédio da dominação, do cultivo, da domesticação, do extermínio e da organização do tempo (MEYER, 2008). A conquista da natureza é um passo importante para o ser civilizado. A partir daí, aspectos associados à vida animal, aos impulsos físicos são tomados como objetos a serem transformados de acordo com os fins humanos. O utilitarismo percebe a natureza como recurso.

Com a concepção Naturalista, a classificação e a domesticação limitada, baseada em uma visão utilitária e antropocêntrica da natureza, sofre alterações. Novos significados passam a designar a visão dos naturalistas. Assim, características humanas passam a interferir no processo de leitura do mundo dito natural. Algumas categorias como comestibilidade, beleza e utilidade passam a ser reconhecidas dentro de determinados padrões morais e dessa forma definir valores à natureza. São destacadas qualidades das espécies animais e vegetais. Essas práticas não deixavam de expressar, também, um sentido hierárquico, à medida que se mantinham as classificações da fauna, da flora e dos animais segundo critérios humanizados. Buscava-se uma certa neutralidade impossível.

Como resultado prático do desenvolvimento das ideias naturalistas, procuram-se criar ambientes separados dos seres humanos, isolando-os das teias e das relações ecológicas. Para eles os impactos ambientais não estão relacionados às práticas econômicas e culturais. A natureza é reificada. O trabalho e a cultura são desconsiderados nessa perspectiva. De acordo com Meyer, para os Naturalistas:

As calamidades públicas, como as enchentes, muitas vezes são apontadas como excessos da Natureza, e o uso e a ocupação desordenada do solo desconsiderados como causas dos problemas das inundações. Na mesma linha aparecem as doenças. O livro didático geralmente enfatiza o agente

biológico sem abordar aspectos ecológicos, políticos e sociais (MEYER, 2008, p. 97).

Conforme as singularidades acima descritas, a concepção Naturalista estabelece a reconstrução de espaços “naturais”. Nesse sentido, modelos simplificados, artificiais de natureza passam a ser valorizados. O ambiente natural é ordenado e controlado pelo homem. Todos os detalhes de acesso à natureza são planejados e dependem de orientação prévia. Não há competição nem luta por sobrevivência. O paraíso é reconstruído. O selvagem, o feroz não existem. Há uma interação harmoniosa. O natural torna-se, assim, o parâmetro de uma vida desejada, próxima de uma natureza idealizada.

Modificações nesse modo de enxergar a natureza são feitas a partir de outros olhares estabelecidos pelo ponto de vista da EA crítica. A natureza passa a ser entendida no contexto histórico através de interações políticas, econômicas, sociais e culturais, contestando o reducionismo contido na visão naturalista. Influenciada pela teoria marxista, a EA crítica apresenta a natureza mediada pela razão de forma utilitária, pela ênfase nas contradições próprias do modelo de desenvolvimento das relações de produção, pela fabricação e uso de ferramentas ou recursos tecnológicos identificados com os períodos históricos que indicam os estágios de desenvolvimento da história ocidental, capitalista e fundamentalmente europeia e norte-americana. É vista, assim, como uma fonte de recursos apropriados de maneira desigual, cujos resultados, acentuados pela exploração da classe trabalhadora, ameaçam a sobrevivência humana. Os padrões culturais e as práticas sociais identificadas com a burguesia tendem a esgotar esses recursos encontrados na natureza, transformando tudo em produto, mercadoria e consumo, ou seja, criando relações alienadas, utilitárias e desequilibradas em torno de uma natureza artificial a parte. Com isso anuncia-se um mundo natural degradado e um planeta inóspito para os humanos. Segundo Loureiro, um dos expoentes da EA crítica no Brasil:

[...] é estritamente histórico e cultural o modo como nos definimos como natureza e a entendemos a partir das relações sociais e do modo de produção e organização em dado contexto. Ignorar isso é atuar de modo ingênuo, sem capacidade de historicizar a ação educativa, e, muitas vezes, é agir num sentido conservador antagônico ao que é discursivamente defendido como inerente à Educação Ambiental. Como consequência, muitas vezes se diz querer salvar a vida e o planeta, mas se reproduzem as mais perversas e desiguais relações sociais que situam todo o processo de exploração da denominada *natureza exterior* quanto do ser humano (portanto, da natureza como totalidade) (LOUREIRO, 2012, p. 44-45).

Esse conjunto de práticas discursivas delimitam verdades afirmadas e limitam a natureza visível, denotando as estratégias de combate, as táticas de luta e o poder em sua forma criativa no interior do campo de conhecimento da EA. Desta maneira, problematizar a natureza enquanto discurso implica historicizar o momento e as tensões que fazem dos fatos a ela relacionados um acontecimento potente, fabricando modos de olhá-la e tomá-la, ora como problema, ora como solução.

Visualizamos, então, um grande campo de ação que tomará como objetivo central das suas preocupações definir as relações entre cultura e natureza, incorporando a isso suas filiações teóricas e sua postura política diante dos fatos que fazem da natureza uma realidade discutível. Assim, o campo crítico parte de princípios que afirmam uma compreensão ampla do mundo natural como um só, materialmente identificado, porém apropriado de forma diversificada através da ação humana em sociedade, identificável em categorias práticas, como o trabalho para os marxistas. Ou classificando, do ponto de vista daqueles que partem da fenomenologia e das teorias da linguagem, o significado dos fenômenos visíveis na natureza. Nesse sentido, interpretamos formas, relacionando-as à diversidade cultural presente na ordem das práticas humanas organizadas em processo de identificação e diferenciação. Aparecem assim os aspectos simbólicos e práticos que marcam as singularidades humanas extremamente relacionados aos limites locais e naturais de cada agrupamento humano. Para os autores situados no campo de discussão da EA crítica, de uma forma ou de outra há sempre uma relação dialética entre os homens (no sentido de humanidade) e a natureza. E, nesse campo de relações, as mediações se dão pela transmissão e apropriação da linguagem, dos códigos, de ordenações e práticas pré-estabelecidas às vezes homólogas umas às outras, às vezes opostas, contraditórias.

Mas, por vários caminhos, penso que as análises críticas da EA chegam sempre ao mesmo ponto, o sujeito enquanto agente que significa e determina o possível e o real sobre a Natureza. Tomamos o exemplo de Isabel Carvalho, estudiosa da fenomenologia, reconhecida como eminente pesquisadora no campo da EA crítica. Segundo sua compreensão, para aprender a Natureza é preciso reconhecer as relações socioambientais. Para ela:

[...] somos herdeiros diretos das experiências que marcaram as relações entre sociedade e natureza de nossos predecessores e, da mesma forma, deixaremos para a posteridade nosso legado, aquilo que pudermos construir em nossa existência individual e coletiva. Essa herança seria, por assim dizer, como a língua, a qual já existe quando nascemos, na qual aprendemos a nos expressar

e por meio da qual ordenamos nossa experiência do mundo e da natureza (CARVALHO, 2012, p. 104).

Outra referência dos estudos em EA recorrente nas argumentações críticas, Philippe Pomier Layrargues atribui à natureza um ponto necessário, forte, para sustentação de uma educação que deve ser revolucionária; um elemento fundamental que propõe ações totalmente transformadoras a partir da implementação de práticas ambientais ideais, inclusive se aproximando de outras correntes de pensamento no campo da EA, conservacionista e pragmática, com a pretensão de convencê-las a se libertar do domínio simbólico e prático da exploração capitalista em que estão inseridas, convencendo-as dos verdadeiros objetivos a serem conquistados. De acordo com Layrargues:

Nesse contexto, seria desejável haver uma intencionalidade da Educação Ambiental Crítica em se aproximar e dialogar com as lógicas das macrotendências Conservacionista e Pragmática, para auxiliá-las na emancipação do domínio simbólico a que se encontram submetidas (LAYRARGUES, 2012, p. 418).

Ainda dentro da EA crítica, Tozoni-Reis (2004) situa a natureza ameaçada pela ação humana racionalizada, alienada do seu meio natural, que necessita de forma urgente de uma EA consciente. A má utilização dos recursos naturais, num mundo de desigualdades, seria um dos fatores determinantes que ameaçam a natureza e o futuro humano, resultando em degradação e injustiça social. Isso se resolveria por meio da EA dialética, esclarecedora, no sentido de combater a mercantilização da natureza. Segundo Tozoni-Reis (2004, p. 132): “As novas relações paradigmáticas com a natureza estão colocadas na pós-modernidade, não pelo fetiche da totalidade, mas pela dialética da totalidade”.

Autores como os aqui citados e outros tantos, vêm contribuindo fortemente para problematizarmos um olhar Naturalista da natureza. O desejo aqui é olhar para a natureza como construto da cultura e inserido em nossa vida cotidiana. É pela primeira vez que vimos a natureza ser atrelada à cultura, como um modo de enxergá-la para além de uma visão romântica, mas agora tomada como produto de nossa cultura.

Ocorre que há um tensionamento causado pelas teorizações pós-estruturalistas, deslocando o olhar sobre a natureza ao suspeitar das grandes explicações constituídas, duvidando das certezas sistematizadas, da verdade única, do movimento dialético com um futuro provável. É sobre isso que versará a próxima seção desse capítulo.

2.3. Provoações Pós-Estruturalistas sobre a Natureza

Por muito tempo, foi concebido o horizonte teórico naturalista, onde a natureza é descrita como única e mutável, de modo orgânico, ou obedecendo a uma lógica sistêmica. Alguns esforços no sentido de criar novas possibilidades teóricas de olhar essas verdades trazidas pelo debate teórico no campo da EA se fazem necessárias e assumem um papel importante quando suspeitam das leituras pautadas pela interpretação, seja ela mediada pela ação relacionada à organização do trabalho e da produção material nas sociedades ou aprendida pela estrutura linguística que estabelece a ordem das práticas culturais.

Para Latour (2004), a natureza deve ser pensada como multiplicidade, indo além das representações que os humanos fazem dela. Como é possível estarmos sempre em alerta, nos mobilizando, sem dispersão, para “proteger a natureza”? Eis um propósito embalado pelo paradigma moderno produzido pelas tentativas antropocêntricas e racionalistas. Com as provocações pós-estruturalistas, deslocamos a questão acerca da preservação da natureza e olhamos para os modos como vimos constituindo aquilo que dizemos e narramos sobre ela. De acordo com Nietzsche (2008), a produção das verdades acontece num contexto de luta onde o vencedor do combate afirma seu poder quando outros compartilham do mesmo propósito e veem na ideia assumida como verdadeira uma estratégia de preservação da vida, visto que o ser humano é gregário. Aquilo que abala as convenções definidas como verdadeiras é logo repellido ou desviado no sentido de serem ignoradas, indentificadas com o erro. Assim, para Nietzsche (2008, p. 70): “A verdade vem à luz como necessidade social: por meio de uma metástase, ela é propriamente aplicada a tudo aquilo que dela independe”.

No caso desta dissertação, o objetivo é pensar o discurso de natureza nas HQs do Chico Bento como resposta diante de uma urgência histórica a partir das verdades afirmadas no tempo atual. Para isso, o esforço consistiu em abordar as possibilidades do discurso sobre a natureza no limiar do século XXI, interpelando como o jogo entre o enunciável e o visível acontece nas HQs. Nesse sentido, procurei provocar o pensamento, desafiando-o a entender as estratégias que produzem modos de vida e vão constituindo olhares sobre os saberes, as populações, os sujeitos, pois o que interessa nos gibis, enquanto artefato cultural midiático, é perceber a trama de visibilidades e de enunciabilidades próprias desse tempo e, em decorrência disso, suspeitar das equivalências entre as palavras e as coisas. O empenho consistiu em apresentar o dito e

o não dito, as verdades recalçadas. Tomo, então, as verdades afirmadas sobre a natureza como parte de um jogo que, segundo descreve Foucault (2012b, p. 54): “[...] circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ de Verdade”. [grifo do autor].

Neste contexto, o sujeito também é desarticulado enquanto detentor da capacidade de conhecer, significar e nomear as coisas. Trata-se, de acordo com Kleber Prado Filho de:

[...] deslocar a verdade tanto dos objetos, onde ela naturalmente residiria, quanto do sujeito, que supostamente seria detentor da capacidade, também natural, de conhecer, de significar e nomear as coisas; o que equivale a desnaturalizar e desubstancializar sujeito, objeto e, em consequência, as verdades, que ganham visibilidade histórica, maquínica, sendo tomadas em sua parcialidade e falibilidade, como construções. (FILHO, 2006, p. 14)

Nessa correnteza, os gibis foram tomados como artefato cultural, parte da mídia, constituídos por verdades que através de suas histórias produzem subjetividades. O discurso de natureza contido nas HQs sob análise educa sujeitos, posicionando-os moral e politicamente diante dos fatos legitimados por saberes aceitos como válidos. Diante disso, as enunciações que dão visibilidade à natureza foram analisadas no interior do quadro emoldurado pelas linhas de força estabelecidas como verdadeiras no campo de conhecimento da EA. Suas condições de possibilidade aparecerão delineadas pela emergência da necessidade de promoção da EA estabelecida no presente, amplamente divulgada nos diversos campos do saber articulados, entre eles, o político, o econômico, o cultural e o educacional. Além disso, os fatos que comumente articulamos à necessidade de uma EA são fundamentais para pensarmos sobre os discursos de natureza. Eles trazem uma ordem determinada de problemas selecionados, atrelados a instituições administrativas e educacionais onde a força dominante nas relações de poder, muitas vezes, vence as resistências e decide a verdade que deve ser divulgada.

Conforme Foucault (2006, p. 94): “[...] O saber aparece ligado, em profundidade, a toda uma série de efeitos de poder”. Cabe, então, perguntarmo-nos como somos capturados pelos discursos difundidos nos extratos da mídia, que enunciações nos mobilizam a ponto de assumirmos como nossas as direções sugeridas. Nesse ponto, concordo com o seguinte pensamento de Viveiros de Castro quando ele entende que:

As relações com a natureza não são assim nunca, tratando-se de sociedades humanas, relações naturais, mas relações essencialmente sociais. Não só elas se travam a partir de formas sociopolíticas determinadas, como pressupõem dispositivos simbólicos específicos, isto é, instrumentos conceituais de

“apropriação” do real, cuja característica distintiva é serem culturalmente especificados, isto é, relativamente arbitrários, e não determinados univocamente por parâmetros objetivos (CASTRO, 1992, p. 23, grifo do autor).

Assim, apresentam-se elementos decisivos para a produção de sujeitos ecologicamente preocupados com a natureza. Em diferentes mídias, por exemplo, vimos imagens específicas dentro de um contexto onde determinadas relações sociais com a natureza passam a ser simbolizadas, atingindo a subjetividade dos indivíduos como forma de nos sensibilizar. Por exemplo, uma árvore que chora, o mundo que se encontra adoentado, as devastações florestais, trazendo uma nostalgia de uma natureza perdida etc. Guatarri (2012) define esse processo como plural, polifônico, sem instâncias dominantes de determinação, sem uma causalidade unívoca. O que remete a analisar as enunciações do discurso de natureza nas HQs do personagem Chico Bento à luz do conceito de verdade tal qual trabalhado por Foucault (2003), ou seja, em relação a certos domínios do saber diretamente interligado às condições políticas em que se forma o sujeito.

A partir daí, encontramos nos Estudos Culturais relativos à mídia a contribuição indispensável que nos faz compreender algumas relações entre os artefatos midiáticos, a produção dos significados e a constituição das subjetividades. Desta maneira, esses estudos demonstram, através de suas pesquisas, o cuidado com a descrição da fronteira que define o lugar da natureza nos contextos de produção cultural. Wortmann (2005) destaca a designação de construcionismo cultural, referindo-se à obra de Stuart Hall, para esclarecer sobre os efeitos de poder que relacionam os sujeitos e os saberes na produção de um olhar determinado sobre a natureza. Segundo Wortmann:

[...] Em tal abordagem busca-se, também, entender como os saberes são produzidos por determinados discursos e como tais discursos se ligam ao poder, regulam as condutas, formam ou constroem identidades e subjetividades e definem as formas como são representadas, refletidas, praticadas e estudadas certas coisas – no caso deste estudo, a natureza/ ambiente (WORTMANN, 2005, p. 51).

Essa vertente de Estudos tem explorado o papel central da cultura na situação singular das configurações sociais, identificando nos mapas culturais as situações e os problemas a respeito das temáticas ambientais (WORTMANN, 2003). De acordo com Guimarães (2003), é produtivo operar deslocamentos ao olharmos para o campo da EA,

explorando o surgimento de novos problemas presentes nos espaços que nos constituem. Assim sendo, Guimarães lança o seguinte desafio:

Talvez, a partir do descortinamento das inúmeras formas com que a natureza é representada, em vários locais das sociedades, se possa abrir espaços para outras construções que privilegiem os híbridos natureza/cultura [...] (GUIMARÃES, 2003, p. 345).

É a partir dessas balizas que orientei os estudos desta dissertação. Trata-se, no meu entender, de dar a devida centralidade à cultura nos nossos modos de entender e fabricar um certo discurso sobre natureza. Sendo assim, no capítulo seguinte apresento a análise das enunciações que constituem o primeiro enunciado relacionado ao funcionamento do discurso de natureza nas HQs do Chico Bento.

CAPÍTULO III

3. A NATUREZA ENTRE O RURAL E O URBANO: FABRICAÇÃO DE UM DISCURSO NAS HQS DO CHICO BENTO

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma das formas de constituição do discurso de natureza. Entendo que tal constituição produz desdobramentos que definem a atualidade, marcada por dilemas e preocupações contemporâneos emergentes nas manifestações dos educadores ambientais, ecologistas e políticos, além de outros atores sociais que movimentam o mundo em que vivemos. Assim, a partir de enunciações selecionadas nas HQs do Chico Bento, analiso a constituição de um enunciado do discurso de natureza. Denomino-o de *A Natureza entre o rural e o urbano: fabricação de um discurso nas HQs do Chico Bento*.

Algumas formas percebidas no discurso de natureza das HQs justificam e dão visibilidade a esse enunciado e estarão sendo apresentadas a seguir a partir de enunciações recorrentes no discurso dos materiais sob análise. Após um cuidadoso escrutínio dos dados, foram adensados os estudos com o objetivo de demonstrar a plausibilidade dessa problematização. Desta maneira, a constituição de tal enunciado é vista nesta proposta de análise como uma atualização do discurso moderno em seus aspectos humanista e racionalista, cujas verdades produzem efeitos práticos no cenário cultural, político, ambiental e educativo dos indivíduos.

Nas HQs do Chico Bento, tal partícula do discurso (o enunciado colocado aqui em evidência) – como nos ensina Foucault (2012) –, é identificado na maneira de falar e de agir dos personagens. Assim, nas enunciações destacadas, coloco sob suspeita a marca antropocêntrica presente nos atos discursivos que apresento. Analiso as formas que lhe conferem significado e demonstram seu funcionamento nessas histórias. Com isso, tomo a descrição da natureza partindo de comparações entre aspectos que nas HQs materializam diferenças entre o mundo rural e a realidade urbana. Esses modos de dar visibilidade a problemas ambientais evidentes na atualidade conduzem a críticas relacionadas à forma de organização da vida na contemporaneidade, inclusive, no que diz respeito à produção da natureza como ideal. Vejo assim a constituição deste enunciado como importante na medida em que descreve determinados modos de ser sujeito. As posições identificadas pelos ditos aparecem sincronicamente em relação a acontecimentos da época contemporânea provocados por mudanças da natureza e das

perspectivas nas relações políticas, econômicas e sociais que operam nos limites da nossa cultura. Apresentam-se, assim, no contexto das formações discursivas, práticas que afirmam a necessidade da EA para despertar a consciência sobre como devemos lidar com a natureza.

Diante disso, é interessante destacar a fabricação desse enunciado a partir dos cuidados e preocupações identificadas nas enunciações selecionadas para sustentá-lo. Analisando os desdobramentos a respeito da natureza nas temáticas apresentadas no conjunto de histórias, tenho percebido como são produtivos os fragmentos do discurso que definem o homem moderno, urbanizado e civilizado diante da natureza. Veja, por exemplo, o espanto, a objeção do personagem Seu Juca na HQ - “Turma da mata e seu Juca na Mata”(SOUSA, Almanaque, 2011, nº30, p. 62) - quando esse resolve deixar a cidade e exercer sua profissão de guarda florestal no interior. Diante da necessidade de lidar com as adversidades da natureza e enfrentar as situações preparadas pelos animais da mata, ele chega ao limite. E, ao contrário do que expressou sobre a perspectiva idealizada de trabalhar em um ambiente rural identificado com a natureza no início da história, contrapõe aspectos negativos desse ambiente, assumindo uma opinião positiva a respeito da cidade, mesmo destacando os problemas existentes no espaço urbano. Assim, de acordo com o personagem:

Pra mim, chega!! Estou farto deste lugar maluco!! Tô louco pra voltar pra cidade!! Quando é que sai o próximo ônibus?!

Ah!! Cidade! Finalmente! Poluição! Trânsito! Corre-corre! Empurra-empurra! Chega de Bichos! Isto, sim é que é vida! (SOUSA, Almanaque, 2011, nº 30, p. 62).

Essa enunciação selecionada do *corpus* discursivo da HQ citada acima, explicita o quanto a natureza é constituída, dita, apresentada sempre em virtude do olhar humano, das sensações humanas, das necessidades humanas universalizadas. Esse olhar antropocêntrico, classificatório, está implícito nas relações que fundamentam o modo de vida racional, moderno e atualmente globalizado. A partir desse entendimento, Raymond Williams (1989), em seu livro “O Campo e a Cidade: na História e na Literatura”, traz aspectos sobre esse tema que me auxiliam a pensar a fabricação desse discurso a partir das condições de possibilidade instauradas pela modernidade. Para Williams:

É fácil separar o campo da cidade e, em seguida, distinguir as modalidades de literatura correspondentes: à rural ou regional e à urbana ou metropolitana. A própria existência destas formas diversas, no século XX, em si já é

significativa, como reação a uma história concatenada (WILLIAMS, 1989, p. 356).

Conforme Marcos Carvalho (2013), essa redução das relações, dicotômicas, presente na cultura ocidental afirmam alguns parâmetros que devem ser considerados, pois eles têm sido decisivos na história contemporânea, limitando a natureza ao que a cultura humana pratica. Para esse autor:

Neste sentido, a natureza, desde que dela não nos excluamos, deixa de ser vista como uma “verdade absoluta”, e passa a ser parte integrante de realidades sempre provisórias, contra ou a favor das quais os homens investem, dependendo daquilo que pretendem: a manutenção ou a transformação dessas realidades (CARVALHO, 2013, p. 73) [grifos do autor].

Com isso, diante de fatos que marcam a história recente do mundo, apresento a emergência de discursividades direcionadas a atitudes ambientalmente educadas. Nesse sentido, é instigante analisar o que está sendo produzido na borda das concepções que sustentam a natureza como objeto do discurso moderno. Conforme assinala Guimarães (2013), são muitas as discussões que denunciam problemas ambientais ressaltando a postura incorreta do ser humano diante da natureza na atualidade. Para isso, algumas singularidades são introduzidas na forma de descrever a natureza. Isso é visível nas comparações que confirmam a identificação do enunciado da natureza a partir de oposições relativas à realidade rural e urbana nas HQs do Chico Bento. As HQs apresentam os impasses, as tensões que dão funcionalidade ao discurso constituído através das concepções modernas de natureza.

De acordo com essa lógica, ao colocar o homem num lugar de destaque – seja por amar a natureza, como muitas vezes Chico Bento é posicionado; seja degradando-a, como aparecem na seleção de aspectos que caracterizam a cidade – as HQs assumem essa máxima do Paradigma Moderno. Pergunto-me: esse não seria o limite do pensamento forjado nos desdobramentos da Modernidade? Bruno Latour coloca que:

Solidamente apoiado sobre a certeza transcendental das leis da natureza, o moderno pôde criticar e desvendar, denunciar e se indignar frente às crenças irracionais e às dominações não justificadas. Solidamente apoiado sobre a certeza de que o homem constrói seu próprio destino, o moderno pôde criticar e desvendar, denunciar e se indignar frente às crenças irracionais, às ideologias científicas, à dominação não justificada dos especialistas que pretendiam traçar limites à ação e à liberdade. A única transcendência de uma natureza que não é obra nossa, bem como a única imanência de uma sociedade que construímos por completo, iriam no entanto paralisar os modernos, por demais impotentes diante das coisas e por demais potentes frente à sociedade. Que enorme vantagem poder inverter os princípios sem que haja mesmo uma aparência de contradição. A natureza transcendente

permanece, apesar de tudo, mobilizável, humanizável, socializável (LATOURE, 1994, p. 42).

É importante considerarmos que as marcas modernas se engendraram, imiscuem-se e fabricam um certo modo de vida, um certo modo de olhar para as coisas do mundo. Aqui, em especial, me interessa o olhar potencializado pelo discurso de natureza, perspectivamente, em seu viés produtivo, como luta para afirmar verdades e, com isso, percebendo-o na intensidade dos combates, tensionado pelas forças políticas, sociais e econômicas em disputa atualmente no mundo.

Considerando desta forma, os cuidados com a natureza se fazem indispensáveis diante de um mundo urbanizado e desenvolvido que avança desordenadamente. É importante notarmos, diante disso, as principais críticas do personagem Chico Bento aos percalços vividos na cidade: poluição sonora, destruição da flora e da fauna, ritmo de vida acelerado, desconsiderando o tempo “natural” das pessoas, individualismo acentuado etc. Como demonstra o próprio dito - “come zoiando no relógio faiz mar!” (SOUSA, Almanaque, 2009, nº17, p. 10). Nessa história intitulada – Chico Bento em as coisas simples... – destaca-se o modo como Chico Bento expõe a diferença cultural que define a perspectiva de cada um diante da natureza. O rural e o urbano aparecem quando ele enfatiza o descompasso do ritmo marcado pelo tempo do relógio, identificando a pressa dos cidadãos em acabar a refeição e, conseqüentemente, prevenindo-o do mal que isso pode causar.

Analiso essa pequena enunciação suspeitando daquilo que ela afirma, enquanto uma duplicação de parte do discurso humanista contemporâneo, ao criticar o ritmo da vida cotidiana na modernidade associada à realidade urbana. Penso que essa relação não acontece de forma tão lógica, sinalizando, assim, para uma falta de interação entre a cultura urbana e a natureza; inclusive, desconsiderando o próprio corpo como natural. O humano, nesse sentido, passa a ser vítima da desnaturalização promovida pela cultura civilizada, urbana.

Trata-se de uma posição de sujeito capturado pelo discurso da modernidade ou, como afirma Bauman (2011), produzida pela insatisfação, pela limitação desse discurso que caracteriza a vida na pós-modernidade, traduzida nas expressões pronunciadas que estão nos modos de viver a experiência das cidades na contemporaneidade. No livro “Vida em Fragmentos”, o autor problematiza essa experiência enquanto própria da ética pós-moderna em que estamos imersos. Para o autor:

A cidade é o local de prazer e perigo, de oportunidades e ameaças. Ela atrai e repele, e não pode fazer uma coisa sem fazer a outra. Gera excitação e fadiga, oferecendo de bandeja petiscos de liberdade e enemas de impotência. A promessa moderna de purificar o cristal de prazer e drenar dele as impurezas contaminantes não se concretizou, enquanto o afã por agir com base nessa promessa, forçando a vida urbana a um enquadramento ditado pela razão e proibindo tudo aquilo que o projeto não tivesse tornado obrigatório, apenas acrescentou defeitos novos, artificialmente produzidos, as antigas pragas que emergiam de forma espontânea. Parece que a ambiguidade da vida urbana chegou para ficar (BAUMAN, 2011, p. 188).

A partir disso, concordo com Amaral (2004) quando ela entende que é preciso pensar sobre a nossa relação de construção e desconstrução, enquanto indivíduo e coletividade, com a natureza. Atenta a esse desafio, a autora compreende que é preciso, entre outras coisas, empreender um movimento que implica olhar com um certo estranhamento para as “representações-verdades” assumidas como naturais em nossa sociedade e cotidianos, mas que limitam, organizam e disciplinam o que sabemos sobre o mundo. Assim, segundo Marise Amaral:

Essas representações, escondendo totalmente seu processo de produção, omitindo seu caráter de construção histórica, de contingência, passam a ser lançadas neste mesmo mundo que constroem com a própria realidade (AMARAL, 2004, p. 146).

De acordo com o que a autora afirma, penso que devemos considerar alguns dilemas referentes à construção e à produção do que é o rural e o urbano na literatura e suas relações com a natureza onde esses dois termos aparecem. Então, apresento algumas formas cristalizadas nos discursos de natureza da modernidade que contribuem para educar nosso olhar. Essas formas de discurso são importantes para essa pesquisa porque entendo que nas HQs analisadas aparecem enunciações que são desdobramentos e ao mesmo tempo fabricação desse discurso diante da atualidade. Conforme descreve Isabel Carvalho (2012, p. 95), a cidade, na modernidade, é contraposta à natureza selvagem como o lugar da civilidade, das boas maneiras e do gosto refinado. Pessoas criadas na cidade eram consideradas mais educadas do que aquelas que viviam no campo. O ideal de civilidade é o outro cuja ordem era permanentemente ameaçada pela natureza. No entanto, Keith Thomas (1988) mostra no livro “O Homem e o Mundo Natural” a relação entre o campo e a cidade pensada numa relação inversa onde nos séculos XVII e XVIII, diante dos efeitos da Revolução Industrial, na Inglaterra, o rural, entendido como a vida no campo, era sinônimo de simplicidade, de anonimato. A

cidade era vista como o lugar das extravagâncias, propícia às intrigas clandestinas, local da hipocrisia, dos vícios da avareza e da opressão. Na cidade, se encontrava a sociedade mais sofisticada, as últimas modas e os vícios mais caros, era um espaço propenso a fornicações e adultério. De acordo com Thomas:

Em parte, portanto, o apelo do campo era negativo. Ele oferecia uma fuga dos vícios e afetações urbanos, um descanso para as tensões dos negócios e um refúgio contra a sujeira, a fumaça e o ruído da cidade (THOMAS, 1988, p. 294).

Ressalto que essas duas formas de abordar as relações entre o rural e o urbano aparecem reinventadas nas HQs do Chico Bento. Nos quadrinhos, as histórias apresentam o mundo rural como um refúgio onde a natureza e aqueles que vivem no mundo rural oferecem soluções inesperadas, surpreendendo aqueles que não a conhecem. Enquanto isso, a cidade deixa de ser percebida como o único lugar de pessoas espertas, dotadas de um saber. Há uma oposição afirmada no discurso. Cito como exemplo o pensamento expresso pelo primo do Chico Bento em uma conversa entre os dois na história “Nem tudo é o que parece”. A seguir, o desdobramento do discurso na enunciação selecionada (SOUSA, 2013, nº 81, p. 53): “A gente tem muito a aprender com a natureza! E eu pensava que quem vive na cidade é que era esperto! As coisas na roça também não são sempre o que parecem, né, Chico?”.

Outra perspectiva que desenvolve traços do discurso também percebidos nesse fragmento tomado como enunciação é aquela que apresenta problematizações em torno das questões de desenvolvimento, progresso, evolução. Esses termos são relacionados a problemas decorrentes de um olhar duplicado, que parte de uma questão central para o pensamento humanista moderno – o homem em ação como sujeito instituinte do real – , divide-se e, por vias opostas ou complementares, retorna ao mesmo ponto de partida, encerrando-se nele mesmo. Ou seja, os homens e as mulheres precisam utilizar a natureza a seu favor para desenvolver as conquistas da sociedade e, ao mesmo tempo, se conscientizar, evitar desperdícios, buscar o equilíbrio ambiental e salvar a natureza para garantir que os recursos não sejam esgotados e impeçam o predomínio humano sobre outras formas de vida. O homem deve aprender com a natureza e ser esperto o bastante para continuar no centro, executando seus projetos de forma lógica, sistemática, linear e contínua. Sem limites, brechas, enfim, desconsiderando a possibilidade de outras histórias possíveis. Sem História viva, sem interferências, sem catástrofes, sem desafios capazes de deslocá-lo e sem outras possibilidades de

pensamento que apontem para diferenças. Assim, Lefebvre (1999) apresenta suas considerações sobre a revolução urbana. Segundo Lefebvre:

[...] O urbano é *cumulativo* de todos os conteúdos, seres da natureza, resultados da indústria, técnicas e riquezas, obras da cultura, aí compreendidas maneiras de viver, situações, modulações ou rupturas do cotidiano (LEFEBVRE, 1999, p. 112) [grifo do autor].

Analisando por esse ângulo, o rural está constantemente envolvido pelo urbano como parte indissociável e, nesse sentido, pergunto que espaço há no discurso para considerarmos a produção de diferenças naturais e culturais em torno das singularidades existentes entre a cidade e o campo? Que conjunto de ações evidenciam e potencializam a afirmação desses discursos que classificam a natureza a partir dos usos que estabelecem para ela? Qual é a história efetiva que movimenta e atualiza o discurso de natureza nas HQs do Chico Bento? Desta forma, me aproprio das palavras de Foucault para afirmar minha análise, pois concordo com esse autor quando ele sustenta que:

[...] A história efetiva, ao contrário, lança seus olhares sobre o mais próximo – sobre o corpo, o sistema nervoso, a nutrição e a digestão, as energias; ela perscruta as decadências; e se ela afronta as altas épocas é com a suspeita, não rancorosa mas alegre, de uma agitação bárbara e inconfessável. Ela não teme olhar embaixo, mas olha do alto, mergulhando para aprender as perspectivas, desdobrar as dispersões e as diferenças, deixar a cada coisa sua medida e sua intensidade.[...]. (FOUCAULT, 2013, p. 287).

Assim, quando a natureza é apresentada nesse movimento, surgem questões ambientais como problema e dentro desse cenário a natureza aparece como objeto a ser salvo, sinalizando para a necessidade de adotarmos um estilo de vida mais “natural”, capaz de freiar o modo de vida frenético muitas vezes caracterizado pelas peculiaridades da vida urbana. As cenas enunciativas que se afiguram nas páginas dos gibis são constituídas por essas formas pré-estabelecidas de reconhecimento, ou seja, somos ensinados a olhar para a natureza partindo desses problemas. Nas HQs do Chico Bento, essa forma de conhecimento pré-estabelecida é claramente identificada. Ela também pode ser vista em livros didáticos quando trazem assuntos sobre meio ambiente, em jornais, revistas, programas de televisão, telejornais, enfim, em toda uma série de artefatos culturais que direcionam nossa visão apresentando determinadas formas de compreender o que é a natureza e como devemos nos comportar diante dela (AMARAL, 2004; GARRÉ, 2015; HENNING, GARRÉ e VIEIRA, 2013). Nas histórias

abaixo, podemos analisar enunciações e visibilidades que demonstram esse discurso pré-estabecido.



Figura 1: SOUSA,2013, n°: 75, p. 15.



Figura 2: SOUSA, 2013, n°: 66, p. 28.

A imagem na HQ da figura nº1 apresenta a cidade poluída, com lixo jogado na calçada, nuvens acinzentadas, escapamento de um ônibus emitindo fumaça poluente e as chaminés da fábrica contaminando o ar com a liberação do vapor das máquinas. Chico Bento aparece logo em seguida com suas malas, retornando ao ambiente rural, decepcionado com o que viu na cidade. Nessa enunciação, visível nas imagens, os aspectos de uma vida saudável associada ao ar livre e puro, às árvores e ao verde, sinalizando um ideal de natureza, estão explícitos e expressam um olhar recorrente orientado pela formação discursiva que dá sentido ao enunciado.

Com isso, compreende-se o enunciado da fabricação de um discurso de natureza a partir das relações entre rural e urbano como parte constituinte de uma formação discursiva determinada, contingente aos problemas que nos atravessam, apontando peculiaridades que são restritas e denunciam, dão visibilidade aos fatos da realidade contemporânea. O material empírico utilizado para sustentar esse enunciado expõe de maneira concreta a pertinência do discurso de natureza como elemento potente na

fabricação do olhar dos indivíduos para práticas direcionadas no sentido de afirmar propostas que se vinculam diretamente à EA; portanto, atravessada por um saber emergente no atual momento histórico. Como Foucault nos ensina:

A análise das formações discursivas e de seus sistemas de positividade em relação ao elemento do saber concerne somente a certas determinações dos acontecimentos discursivos. Não se trata de constituir uma disciplina unitária que se substituiria a todas essas outras descrições do discurso e os invalidaria em bloco. Trata-se, antes, de dar seu lugar a diferentes tipos de análise já conhecidos, e frequentemente praticados há muito tempo; de determinar seu nível de funcionamento e eficácia; de definir seus pontos de aplicação; e de evitar finalmente as ilusões às quais eles podem dar lugar (FOUCAULT, 2013, p. 117).

Desta forma, procuro analisar a enunciação extraída da figura nº 2, na qual Chico Bento e seu primo vão assistir a uma palestra – proferida por um professor ou cientista de jaleco branco – sobre o meio ambiente e os cuidados para preservar a natureza. No dito do professor ou cientista, a natureza é situada como um objeto, dependente da ação humana e reduzida a interesses humanos. A análise desta situação permite identificar no discurso o momento de constituição e reconhecimento do sujeito, visto que aqueles que leem são assujeitados, persuadidos a pensar e a olhar para o dito do cientista, a sentença, o efeito discursivo capaz de enunciar a crítica e objetificar a ação diante do natural. Esse movimento é demonstrado pelas seguintes enunciações retiradas dos ditos do personagem (SOUSA, 2013, nº66, p. 28): “Ao final, queremos algumas dicas de como conviver em paz com a natureza”. E, em seguida: “Todo esse equilíbrio depende do que a gente faz... e blá,blá, blá”.

Aqui transparece o discurso fabricado, atualizando uma perspectiva cultural racionalista, transcendental, própria de uma sensibilidade que procura definir de antemão o futuro e a preservação da espécie humana. De acordo com Meyer:

[...] O ser vivo, por meio dos sentidos, interage com a natureza num fluxo contínuo de vivências. No ser humano, a fala e a escrita são uma expressão viva e elaborada da percepção e do pensamento, fracionando, dividindo, fragmentando o vivido. E ao mencionar a natureza, comumente se afasta e se distingue, como se não fizesse parte dela. O ser humano, posicionando-se no centro, refere-se à natureza como algo, coisa, objeto ao seu redor (MEYER, 2008, p. 203).

Nas HQs sob análise, a natureza do caipira, do pequeno agricultor, do colono ou do camponês, que podem ser também identificados como populações tradicionais, é

reduzida ao estereótipo do personagem Chico Bento. Esse personagem é culturalmente idealizado pelo uso da linguagem visual e escrita como um ingênuo que, ao expressar seus desconfortos, denuncia ações humanas inconsequentes, inaceitáveis, diante da bela natureza. Isso é traduzido em críticas ácidas ao artificialismo que acompanha o avanço do desenvolvimento urbano, o uso das tecnologias e as formas industrializadas que invadem o espaço rural, alterando os modos de vida “natural” dessas localidades. O sítio é um dos espaços que dá visibilidade a essa crítica, visto que busca, na rusticidade do mundo rural, um exemplo de natureza em contraponto aos aspectos relacionados à urbanidade.

Com isso, pretendo dar a ver o quanto nessas HQs há um discurso de natureza que se articula a uma prática cultural moderna limitada a classificar, ordenar e restringir os fatos, identificando-os a uma posição ou outra; nesse caso, posições atribuídas ao espaço urbano ou rural. Considerando esses discursos como estratégias de lutas e de afirmação de verdades, os indivíduos são tensionados a se fazerem sujeitos, a criar e a agir no sentido de “salvar” a natureza. Enfatiza-se, dessa forma, o entendimento de que a sociedade modernizada, urbanizada parece não se preocupar com a EA e com a preservação da natureza. Isso se evidencia na seguinte enunciação (SOUSA, 2009, nº 28, p. 36-37): “É o tal do aquecimento global! O clima da terra está mudando... onde fazia frio, está esquentando... E em alguns lugares, onde fazia calor, está fazendo frio, tendo temporais... culpa do homem, que está acabando com as florestas, com a água...”.

Nesse sentido, de acordo com Freitas (2008, p. 64): “Há modificação completa das personagens quando se modifica o espaço”. Tais enunciações nos colocam a viver cotidianamente a problemática ambiental que emerge na contemporaneidade, visto que o humano é interpelado. Identifica-se nas enunciações do discurso o momento em que se apresentam duplicados os juízos de valor que dão destaque à idealização da natureza, formas criadas nos entrecruzamentos que denunciam o horror causado ao meio ambiente e à natureza. Também é perceptível a mudança pela análise nos ditos dos personagens oriundos da cidade quando entram em contato com a vida na roça e passam a duvidar sobre a necessidade das práticas vivenciadas na cidade, ponderando se elas são mesmo essenciais para a própria sobrevivência.

Junto a isso, é preciso provocar o pensamento acerca das questões que marcam a distinção entre natureza e cultura. Nas HQs tomadas como objeto desta análise, isso se dá pelas formas descritas no discurso do rural e do urbano. Dentro desta perspectiva, é

pertinente considerarmos a seguir o pensamento de Levi-Strauss (2013). De acordo com esse autor:

Começou-se por cortar o homem da natureza e constituí-lo como um reino supremo. Supunha-se apagar desse modo seu caráter mais irrecusável, qual seja, ele é primeiro um ser vivo. E permanecendo cegos a essa propriedade comum, deixou-se o campo livre para todos os abusos. Nunca antes do termo destes últimos quatro séculos de sua história, o homem ocidental percebeu tão bem que, ao arrogar-se o direito de separar radicalmente a humanidade da animalidade, concedendo a uma tudo o que tirava da outra, abria um ciclo maldito. E que a mesma fronteira, constantemente empurrada, serviria para separar homens de outros homens, e reivindicar em prol de minorias cada vez mais restritas o privilégio de um humanismo, corrompido por ter feito do amor-próprio seu princípio e noção (STRAUSS, 2013, p. 53).

Com isso, ao colocar sob suspeita a concepção humanista e racionalista de natureza, são apresentadas as condições que permitem ao olhar nomear formas determinadas, relativas ao ambiental e ao natural, através de ações praticadas em nome de algumas verdades tomadas como decisivas.

Consequentemente, diferentes modos de conceber a natureza delineiam maneiras de ser sujeito diante dela. Assim, formas historicamente definidas de pensar são ensinadas por práticas culturais que atravessam a sociedade e têm, nos artefatos midiáticos, um meio de criação e propagação. De acordo com Gomes:

[...] essas operações se equacionam em torno de um possível sendo projetado e que, por conta dessa função, pertencem a uma única dimensão. Trata-se, nessa projeção de possíveis, de um cálculo: o cálculo de um outro olhar (GOMES, 2003, p. 22).

Ao apresentarem determinadas ações idealizadas, configurando maneiras de ser e estar no mundo, essas enunciações expressam comportamentos díspares, muitas vezes desencontrados, porém definitivos na especificidade que caracteriza o problema como histórico e singular. Nesse sentido, o enunciado de um discurso de natureza fabricado no limite das diferenças culturais que separam o rural e o urbano apresenta características pedagógicas que provocam efeitos, contribuem para a construção de sentidos e instituem verdades. Sendo assim, exercem papel ativo na produção de significados sobre o que diz respeito à natureza. A enunciação a seguir é um exemplo afirmativo do que está posto (SOUSA, 2011, nº 51, p. 14): “Num tem nada como o sussego da roça! Aqui num tem as preocupação da cidade grande! Nada di correria, trânsito ingarrafado...”.

Tendo em vista as considerações dispostas acima, concordo com Guatarri (2012) quando ele discorre sobre um novo paradigma estético. De acordo com o autor, através

de uma percepção minuciosa das mudanças na modernidade destacam-se as implicações ético-políticas na criação de novas perspectivas que envolvem as práticas humanas e a natureza. Nesse sentido, é importante ressaltar a responsabilidade sobre aquilo que é criado para além de esquemas pré-estabelecidos.

No contexto deste capítulo, as enunciações potentes para analisar e sustentar o enunciado proposto são parte do processo criativo e operam no ponto extremo da diferenciação que atualiza a funcionalidade do enunciado no discurso de Natureza. Para Foucault:

Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (FOUCAULT, 2012, p. 116).

Neste caso, é preciso estranhar as sensibilidades destacadas nas enunciações. Se sobressaem atitudes comprometidas com a valorização de uma natureza ruralizada como solução para conflitos de todos os tipos sinalizados no ambiente urbano. Conforme lemos no presente dito (SOUSA, Almanaque, 2011, nº 30, p. 49): “Como guarda florestal, estou longe de todos os problemas da cidade! Poluição, correria, falta de tempo...”.

No contexto dessa enunciação, o rural e o urbano são traduzidos, materializados na possibilidade de exercer a profissão de guarda florestal como algo tranquilo, próximo da natureza e dos animais e na adjetivação da cidade, definida pelos aspectos negativos a ela atribuídos. Esse olhar se desenvolve em parte como uma nova funcionalidade do discurso de natureza constituído ao longo da modernidade. A favor desta perspectiva me aproprio das contribuições de Isabel Carvalho (2005) no que diz respeito a considerar o papel da Natureza no contexto das novas sensibilidades presentes nos discursos. Diante deste caminho, segundo a autora, é produzido um imaginário ecológico, muitas vezes colocando a Natureza como contraponto da vida urbana, combinando uma visão arcádica com sentimentos românticos de contestação. Para Raymond Williams (1989), o campo e a cidade são realidades históricas em transformação; mesmo assim, afirma que:

No entanto, as ideias e imagens do campo e da cidade ainda conservam sua força acentuada. Esta persistência é tão significativa quanto a grande variedade, social e histórica, das ideias em si. O contraste entre campo e cidade é, de modo claro, umas das principais maneiras de adquirirmos consciência de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa sociedade. (WILLIAMS, 1989, p. 387).

Com isso, ao urbano estão relacionadas as características implícitas ao processo de urbanização desenvolvido na modernidade ocidental, bem como as formas de viver e os problemas nele contidos. De acordo com o Sistema, entre os sistemas ou acima de outros sistemas. É uma forma mental e social, a forma da simultaneidade, da reunião, da convergência, do encontro (ou antes dos encontros). É uma qualidade que nasce de quantidades (espaços, objetos, produtos). Para Lefebvre:

“O urbano” não pode ser definido nem como apegado a uma morfologia material (na prática, no prático-sensível) nem como algo que se pode dela. Não é uma essência a-temporal, nem um urbano” contém o sentido da produção, assim como a apropriação contém o sentido de separar dominação técnica sobre a natureza, com esta deslizando para o absurdo sem aquela. É um campo de relações que compreendem notadamente a relação do tempo (ou de uma diferença ou sobretudo um conjunto de diferenças. “Os tempos: ritmos cíclicos e durações lineares) com o espaço (ou espaços: isotopias-heterotopias). (LEFEBVRE, 2001, p. 81) [grifos do autor].

Considerando essa definição teórica do fenômeno urbano, algumas formas presentes no discurso analisado corroboram e desdobram esse conhecimento, conforme aparece na seguinte enunciação retirada da história - Chico Bento em aquela saudade do sítio!

Que cara é essa, Chico?
Você não tá curtindo a cidade não?
Inté tô primo! Mais é qui quando eu oio tanta coisa colorida, tanto movimento, tanta arrelia, eu só mi alembro do sítio! (SOUSA, 2009, nº 36, p. 50).

Esse trecho do diálogo entre Chico Bento e seu primo acontece no meio de uma rua movimentada da cidade e, em seguida, a diversidade de sons e confusões da cidade passam a despertar no personagem Chico Bento a saudade das coisas, animais e pessoas do sítio. Uma outra prática cultural é afirmada a partir de elementos da natureza que persistem nas comparações. Por exemplo, uma montoeira de carros parados faz o personagem lembrar das vacas no pasto. (SOUSA, 2009, nº 36, p. 51). Tais diferenças culturais explícitas nos remetem a pensar o que é o rural e, nesse sentido, o significado que atribuo a esse termo no texto diz respeito a práticas relativas ao cotidiano, ao modo de vida dos indivíduos que vivem no campo e tomam a natureza como referência determinante para justificar suas ações e posições de sujeito. No caso das HQs sob análise, a concepção de Natureza vinculada ao rural está bastante identificada com os aspectos assinalados por Meyer na seguinte citação. Assim:

A integração do ser humano com a natureza fica bastante visível nas comunidades que, afastadas e isoladas dos grandes centros urbanos, estabelecem uma relação de extrema intimidade com o ambiente em que vive. As tarefas e os rituais diários são regulados pelo ritmo biológico e cultural do corpo e da vida em comunidade, em consonância com o ritmo da Natureza (MEYER, 2008, p. 101).

Ainda acompanhando o pensamento de Meyer (2008), a autora sugere que a relação entre natureza, cultura e corpos permite outras compreensões, envolvendo a perspectiva da constituição de um ser humano integrado na natureza, colocando-a como sujeito, mãe, sobrenatural e espiritual. Por isso, o conceito de cultura utilizado para esse estudo é pensado como criação e diferenciação de formas atravessadas pela contigência, pelo acontecimento, pela materialidade das necessidades manifestadas no presente. Não há uma preocupação em interpretar o significado do discurso dentro de uma cultura homogênea, pré-existente, e sim pensar o que ele está afirmando enquanto fabricado e atravessado por uma multiplicidade de práticas. Sendo assim, o conceito de cultura passa por uma leitura não essencialista, relacionada à história do presente e imersa em relações de poder dispersas que se encontram num contexto histórico dado, específico, singular. Desta maneira, a relação entre as formas culturais vivenciadas no campo (típicas da realidade rural) e as práticas urbanas (características da vida na cidade) são vistas enquanto afirmadas por enunciações que demonstram uma idealização em torno de verdades sobre a natureza. Potencializado pelo dispositivo da EA (GARRÉ, 2015), a emergência e o sucesso desse discurso de natureza nas HQs do Chico Bento permitem afirmar a importância desse artefato cultural, pois de acordo com Wortmann:

Pode-se dizer que questões ambientais ganharam proeminência nos tempos atuais. Então, pensá-las em uma perspectiva que atribui centralidade à cultura, se, por um lado, não condiz com as proposições que veem a cultura como uma extensão necessária da natureza, por outro não implica, apenas, considerar o ambiente como um pano de fundo para proceder-se a um melhor entendimento do mundo contemporâneo. (WORTMANN, 2010, p. 19).

Desta maneira, o enunciado da *Natureza entre o rural e urbano: fabricação de um discurso nas HQs do Chico Bento*, mostra o quanto a linguagem dos quadrinhos procura trabalhar em sintonia com outras linguagens a partir de estratégias pedagógicas. Uma característica importante nas condições de possibilidades que produzem o olhar sobre a natureza é a relação estabelecida com os usos do tempo e do espaço associados à noção de equilíbrio. Assim, algumas formas expressas nos ditos sobre a cidade, retirados das HQs do Chico Bento, afirmam o desequilíbrio a partir da crítica aos ritmos e aos

espaços urbanos reservados à natureza, acenando para os benefícios da vida rural, próxima às árvores, ao verde, aos animais domesticados e num ritmo medido pelo tempo natural. Como podemos ver nesta enunciação (SOUSA, Almanaque, 2011, nº30, p. 49): “Ah! Natureza! Aqui, tenho ar puro, tranquilidade e paz!”.

A posição demarcada por esse fragmento do discurso reverbera formas da compreensão moderna de Natureza, ou seja, imersa na polarização. Analisando o dito acima, a partir de Carvalho (2012), considero que a sensibilidade expressada está baseada num ideal de Natureza entendida como reserva de bem, beleza e verdade. São decisivos os valores morais empreendidos nesse posicionamento, pois os sujeitos desse discurso, ao enaltecerem o estilo de vida rural, o fazem demonstrando as distorções da vida na cidade e criticando as intervenções humanas na natureza. O que também pode ser percebido na seguinte enunciação (SOUSA, 2011, nº 57, p. 23): “É que eu decidi dar um tempo da loucura da cidade! Longe do ti ti ti e junto da mãe Natureza!”.

Nesse sentido, há, no discurso de natureza das histórias em quadrinhos, verdades afirmadas por outros discursos e pelo saber constitutivo da EA como um dispositivo no mundo contemporâneo. Para Carvalho:

[...] O ambiental passou a ser sinônimo de causas restritas, vinculadas às preocupações com os desperdícios diversos, o esgotamento de matérias-primas, o aquecimento global e as questões que envolvem os processos de degradação da natureza, em uma concepção que parece interessar sobretudo aos interesses de manutenção dos atuais esquemas produtivos, preocupados com o esgotamento futuro das diversas matérias primas que utilizam para seus negócios de agora, e que desejam ver perpetuados para as próximas gerações (CARVALHO, 2013, p. 103).

A partir do exercício desse olhar voltado para as HQs enquanto artefato cultural midiático bastante produtivo, tomo as enunciações que formam o enunciado apresentado nesse capítulo da Dissertação como efeitos de um discurso de natureza recorrente na literatura moderna, atualizados por saberes que fazem da EA um campo de saber cada vez mais presente na sociedade e na cultura do mundo contemporâneo.

No capítulo seguinte, será apresentado o outro enunciado que compõe o discurso de Natureza no corpus empírico desta pesquisa. Dando continuidade a essa análise, trabalharei as formas do discurso que apresentam a natureza como ideal.

CAPÍTULO IV

4. UM IDEAL ROMÂNTICO DE NATUREZA: O DITO E O VISÍVEL NAS HQS DO CHICO BENTO

Neste capítulo tenho como objetivo, dar continuidade ao trabalho de análise no *corpus* empírico desta pesquisa. Assim, problematizo enunciações e visibilidades que constituem um discurso de natureza, tomada esta como um ideal romântico. Desta forma, a idealização do discurso torna visíveis posições de sujeito atravessadas pelos problemas contemporâneos que demonstram o que alguns estudiosos, entre eles Isabel Carvalho (2008) e Keith Thomas(1988), denominaram de novas sensibilidades diante das relações entre os humanos e a natureza não humana. Estas enunciações e visibilidades apresentadas em seguida, retiradas das HQs do Chico Bento, passam a constituir o enunciado que estou nomeando como: “*Um Ideal Romântico de Natureza: o dito e o visível nas HQs do Chico Bento*”. Entendo esse enunciado como uma das partes que sustenta o discurso de natureza emergente em determinadas práticas de EA produzidas na cultura ocidental contemporânea.

As formas definidas pelas enunciações e visibilidades selecionadas nesse texto são instigantes e possibilitaram-me visualizar, a partir dos estudos da análise do discurso de Michel Foucault, o enunciado que pretendo problematizar neste capítulo. Isso será demonstrado na análise do *corpus* empírico colocado sob suspeita. Desta maneira, tal enunciado é tomado, aqui, como uma atualização do discurso romântico Naturalista do século XIX, também incorporado, no século XX, às proposições conservacionistas da EA em seus aspectos críticos ao processo de industrialização, marcado pela perspectiva racionalista e utilitária. Tal perspectiva produz verdades, cujos efeitos encontram os objetivos políticos e econômicos sustentados nas práticas dos educadores ambientais, enquanto sujeitos de uma saber emergente que está se constituindo em campo de conhecimento na atualidade.

Nas HQs do Chico Bento, as enunciações e as visibilidades analisadas trazem a natureza e a cultura do caipira como formas de ressaltar o que é indispensável e está sendo degradado, perdido, transformado pela modernidade e marcado pelas necessidades de sujeito universal. Diante disso, apresento as partículas do discurso que conferem significado e demonstram o funcionamento do enunciado nessas histórias. Sendo assim, tomo o enunciado de “*Um Ideal Romântico de Natureza*”, destacando

elementos que remetem a novas sensibilidades em relação à natureza, a partir de aspectos pitorescos, prazerosos, puros e saudáveis.

Considerando esta proposta de análise a partir das ferramentas Foucaultianas o que foi selecionado como visível adquire significado na medida em que trata dos espaços de enunciação do discurso de Natureza, atualmente acionado pelo dispositivo da EA (GARRÉ, 2015).

Esses modos de enunciar e dar visibilidade à natureza, inclusive denunciando acontecimentos que marcam a necessidade de pensar a EA são evidentes na atualidade e conduzem a problemas relacionados à forma de organização da vida. Desta maneira, a constituição do enunciado em questão produz o que compreendemos como natureza, a partir da apresentação de determinados modos de ser sujeito. No contexto desta formação discursiva, são colocadas sob suspeita as práticas identificadas pela busca de uma natureza que está deixando de existir e só pode ser encontrada no estilo de vida rural em contato com uma paisagem bucólica. Esse discurso também será contextualizado ao lado das contribuições teóricas que afirmam a necessidade da EA para despertar a consciência sobre como devemos lidar com a natureza.

Assim sendo, é interessante destacar o quanto esse enunciado é produtivo ao sugerir cuidados e expressar preocupações identificadas nas enunciações que o sustentam. Analisando a idealização como um dos aspectos da nova sensibilidade a respeito da natureza visível no conjunto de histórias sob análise, tenho percebido os fragmentos do discurso que definem a natureza no contexto contemporâneo do mundo, na fase atual da Modernidade. Nesse sentido, faço referência à seguinte exclamação de Chico Bento (SOUSA, 2009, nº 28, p. 14): “Oia só à sua vorta... nós tamo no paraíso! Tem muito verde, sombra i água fresca pra todo mundo! Pra que eu ia querê i imhora? A gente podia ficá aqui pra sempre!.

Conforme está explícito na enunciação, a idealização da natureza aparece relacionada à ideia de paraíso, à sombra das árvores e com água fresca. Um lugar ideal para viver, sensível, disponível na natureza relacionada ao espaço rural, esperando ser desfrutada. Nesse sentido, os cuidados com a natureza se fazem indispensáveis diante de um mundo que utiliza os recursos naturais desordenadamente. É importante notarmos as principais características que o personagem Chico Bento atribui à vida na roça: reciprocidade, paz, simplicidade, liberdade. Como demonstra o próprio dito do personagem na HQ – Aquela saudade do sítio (SOUSA, 2009, nº36, p. 53): “Ocê é quem divia di conhecê mior o sítio! Ansim, ocê ia vê como lá tem tudo di bão! Lá tem

natureza, ar puro, liberdade, brincadeira...”. Diante da fabricação do discurso, tendo como um dos enunciados *Um ideal Romântico de Natureza*, percebo nessa enunciação a duplicação de um posicionamento corrente que está presente na EA e marca o mundo ocidental no final desta primeira década do século XXI. Isso coloca o retorno à natureza como forma atuante na produção de subjetividades, pois, conforme assinala Grun (2012), são muitos os discursos que remetem à idealização de um novo mundo. Segundo esse autor, isso é um elemento constitutivo do discurso ecológico desde os anos 60 do século passado. Para Grun:

É precisamente esse o caso de parte significativa dos discursos sobre educação ambiental. O cartesianismo estabeleceu uma alienação dos seres humanos da natureza. A educação ambiental deveria então promover reintegração dos humanos ao seio dessa natureza. Imbuídas desse simpático objetivo muitas propostas de educação Ambiental têm insistido na necessidade de um *contato direto com natureza* (GRUN, 2012, p. 76) [grifos do autor].

Tais práticas discursivas ressaltam a postura incorreta das relações que envolvem seres humanos e natureza na atualidade. Para isso, algumas singularidades são introduzidas pelas enunciações que compõem esse enunciado ao adjetivar a natureza. Isso é visível a partir de substantivos e adjetivos utilizados para apresentar a natureza nas HQs do Chico Bento. Como transparece na enunciação a seguir, quando Chico Bento vai à praia e encontra o mar sujo e mal cuidado:

Quiria qui vois mecê discursasse essas pessoa qui num sabe ti respeitá direito... sujando a água, a areia... parece qui eles num consegue inxergá a sua beleza! Sinão, ocê ia se todo limpinho, inguar o rio de donde eu moro! (SOUSA, 2010, nº 44, p. 64).

Nesse caso, a enunciação do discurso, verbalizada pelo personagem Chico Bento, enaltece os aspectos do rio de onde ele mora, na Vila Abobrinha, na roça, julgando a falta de educação dos banhistas da cidade que vão à praia. Há aqui uma exaltação das características da natureza idealizada; problematizam-se as práticas humanas. Trata-se de uma posição de sujeito que está ao lado de discursos constituintes da EA. Essa insatisfação traduzida nas expressões pronunciadas está nos modos de vivenciar a experiência que marca a relação entre humanos e natureza (como não humana) na contemporaneidade. De acordo com essa lógica, ao colocar o respeito à natureza e o reconhecimento da beleza natural como pertinentes, a idealização aparece na comparação com o rio do lugar onde ele mora.

É importante olharmos para as marcas modernas presentes na fabricação dos modos de vida aqui delineados como um forma de olhar para as coisas do mundo. Isso é visível na seguinte imagem :

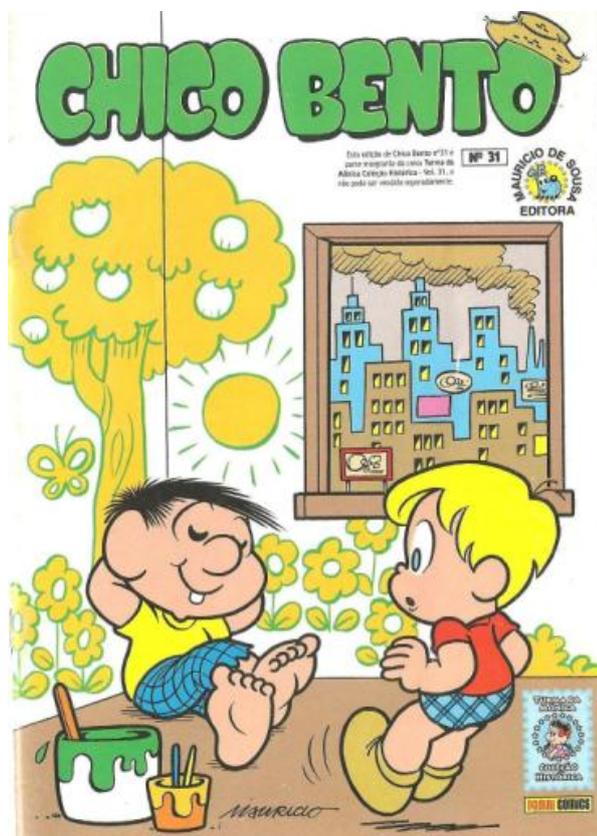


Figura 3: SOUSA,2012, n° 31. (Turma da Mônica coleção Histórica)

Esta capa de um dos gibis do Chico Bento nos dá a visibilidade do discurso de uma natureza ideal, romântica, pois Chico Bento está na cidade e pinta a parede do quarto, da casa ou apartamento, com uma árvore frutífera, flores, um sol radiante e uma borboleta. É encontrado pelo seu amigo encostado na parede do quarto sob a figura da árvore, dormindo como se estivesse no sítio diante de uma natureza perfeita. Em oposição a essa natureza exuberante, podemos ver, na janela do quarto, a cidade com seus edifícios, *outdoors* e chaminés, poluída e sem natureza visível. Ou seja, as referências a uma natureza ideal aparecem sempre relacionadas à vida rural.

Com isso, é possível afirmarmos que as enunciações e as visibilidades analisadas denotam posicionamentos constitutivos da atualidade, são deste mundo e configuram o que está sendo vivido e evidenciado nos discursos de sujeitos atuantes nas diferentes áreas do conhecimento e da produção de saberes. Assim, a idealização romântica no discurso de Natureza das HQs do Chico Bento encontra aceitação porque pode ser

percebida em outras posições afirmativas das mesmas verdades que fazem o jogo e o enredo do contexto cultural, institucional, político e econômico do mundo na contemporaneidade.

Desta forma, devemos considerar a constituição de um discurso ideal e romântico de natureza relacionado à ideia de novas sensibilidades, como aparece nas obras de Keith Thomas (1988), Isabel Carvalho (2008) e Serrão-Neumann (2007) referentes à construção de sentimentos de perda e cuidado, associados a determinações políticas, econômicas e sociais próprias das manifestações da cultura humana em cada período histórico. Verificamos, também, a idealização de um lugar permeado pela pureza e pelo lazer, cujos ritmos não são determinados pelo tempo do relógio e das máquinas, mas sim pelos sinais específicos da natureza. Vejamos essa enunciação retirada da capa de um exemplar do Almanaque do Chico Bento:

Ler um almanaque do Chico Bento é como respirar o ar puro do campo, nadar e pescar no rio, experimentar as delícias do fogão à lenha, contar causos, enfim, viver uma vida simples, gostosa, sem complicações... (SOUSA, Almanaque, 2013, nº 40).

Considerando estas peculiaridades, quando a natureza é apresentada nesse movimento, surgem questões ambientais como problema e dentro desse cenário a natureza aparece como salvação, sinalizando um estilo de vida mais “natural”, simbolizado nas HQs pela cultura do caipira e da vida cotidiana na roça. As cenas enunciativas que se afiguram nas páginas dos gibis constituem as formas pré-estabelecidas de reconhecimento dessa natureza associada à vida rural. Nas HQs do Chico Bento, essa forma de conhecimento pré-estabelecida é claramente identificada. Com isso, compreende-se o enunciado de “*Um Ideal Romântico de Natureza*” como elemento potente na fabricação do discurso, produzindo nossas subjetividades à medida que reverbera e vai ao encontro de outros discursos instituintes de práticas direcionadas a definir relações com a natureza. Desta forma, as visibilidades e as enunciações extraídas das HQs são, de certa forma, acionadas pelo dispositivo da EA (GARRÉ, 2015). Vejamos, por exemplo, o sentimento de nostalgia e a preocupação com a perda do que a natureza oferece nas seguintes enunciações presentes no bate-papo do Chico Bento com o sol, transcrito da história denominada “Um papo com o sol”.

Chico Bento - Oê já oiio pras redondeza? Já viu como tá ficando a minha roça?... Si alembra seu sor, daquela arvre qui a molecada ficava brincando di balanço, subindo nos gaio... Usando a sombra pra fazê piquenique? Oia

como ela tá agora! O calor queimô todas as foia! Num tem mais sombra... Num tem mais fruta! (SOUSA, 2013, nº 34, p. 5)

Sol responde - Por que me acusa? Eu apenas cumpro a minha missão de iluminar e aquecer o dia! Que culpa tenho eu dos seres humanos desmatarem a terra? Mudarem os cursos dos rios, mexerem com a Natureza... Claro! É mais fácil me culpar do que enxergar os próprios erros! (SOUSA, 2013, nº 34, p. 8)

Ao analisar essa situação, cujas enunciações, presentes no bate-papo transcrito, dão forma à natureza vivida pelo caipira, pequeno agricultor ou roceiro, simplificados pelo estereótipo do personagem Chico Bento, identifica-se a problematização expressa na ingenuidade das perguntas. De acordo com Danowski e Castro:

O mitema do mundo edênico persiste contemporaneamente na ideia de *wilderness*, aqueles espaços cada vez mais restritos de uma natureza pura, incorrompida pela presença humana, *horti conclusi* que dão testemunho de um passado que teria conseguido sobreviver “intocado” desde os tempos primogênicos até o presente - mas que estaria hoje ameaçado de desaparecer, em resultado da ação cegamente predatória da civilização ocidental (DANOWSKI; CASTRO, 2014, p. 37). [grifos dos autores].

Transparece assim o discurso fabricado, atualizado, dentro de uma perspectiva singular colocada pelas práticas relacionadas à natureza no contexto da cultura ocidental contemporânea. Conforme nos informa Guimarães:

[...] podemos considerar que as diferentes formas de nos relacionarmos com a natureza dizem respeito às próprias idéias (constituídas culturalmente) que nos interpelam a respeito do que “é a natureza” e de “quais são” as formas possíveis de nos relacionarmos com ela. Dessa forma, os modos como vemos a natureza, e também como nos relacionamos com os diferentes seres que nela estão, são constituídos culturalmente (GUIMARÃES, 2007, p. 240-241, grifos do autor) .

A roça é um dos espaços que dá visibilidade a essa perspectiva romântica, idealizada, visto que busca na suposta tranquilidade do mundo rural um exemplo de natureza que devemos admirar. A enunciação a seguir demonstra isso (SOUSA, 2012, nº71, p. 51): “Ah! A vantagem de morá na roça é o sussego! A gente pode deitá na rede e drumi iscuitando o canto dos passarinho! Qui belezura!.

Com isso, pretendo dar a ver o quanto nessas HQs há um discurso de Natureza vinculado a um romântismo sustentado pela referência a algumas práticas culturais idealizadas que, além de expressarem uma sensibilidade aguçada em relação à natureza, assumem um caráter educativo mediante as preocupações ambientais do nosso tempo relacionadas à constituição de um determinado tipo de sujeito. Nesse sentido, os indivíduos são tensionados a se fazerem sujeitos, a criar estratégias de ação que

caminhem na direção de “preservar” a natureza. Enfatiza-se, dessa forma, o entendimento de que a sociedade moderna precisa incorporar a preservação da natureza e assumir a necessidade de uma EA conservacionista.

Conseqüentemente, diferentes modos de conceber a natureza delineiam maneiras de ser sujeito diante dela. Assim, as formas definidas de pensar são historicamente ensinadas por práticas culturais localizadas. Mas que, ao serem capturadas pelos artefatos midiáticos, produzem efeitos e constituem ações, educando sujeitos. No caso deste estudo, educando especialmente para a fabricação de um *sujeito ecologicamente correto*. Ao apresentarem determinadas atitudes ideais, configuram maneiras de ser e estar no mundo. Nesse sentido, o enunciado compreende características pedagógicas que provocam efeitos, contribuem para a construção de sentidos e instituem verdades. Sendo assim, exercem papel ativo na produção de significados sobre o que diz respeito à natureza. A enunciação a seguir é um exemplo afirmativo do que está posto (SOUSA, 2012, nº 71, p. 12): “Desta vez, eu vim só pra descansar mesmo! Curtir esta tranquilidade da roça!”.

No contexto acima, os tios de Chico Bento chegam ao sítio para visitá-lo, em busca de um ambiente puro, saudável, encontrado somente num lugar onde a natureza é vista em oposição ao cumprimento de regras e horários, sinônimo de um tempo que não existe nos lugares associados à vida moderna mais intensa. Neste caso, é preciso estranhar a sensibilidade destacada na enunciação: se sobressaem atitudes comprometidas com a valorização de uma natureza ideal que só existe no ambiente rural. Isso também é visível na imagem da HQ denominada – “Chico Bento *em* fruta no pé”. Conforme aparece abaixo:



Figura 4: SOUSA, 2012, nº 71, p. 22.

Como explicitam as imagens e a enunciação (SOUSA, 2012, nº 71, p. 22) – “Morá na roça é uma dilícia!” – a natureza é rica, as frutas são saborosas, a roça é uma delícia; enfim, esse olhar ideal se desenvolve em parte como uma nova funcionalidade do discurso de natureza constituído diante dos problemas ambientais que caracterizam a Modernidade na fase atual. Assim, passamos a problematizar o utilitarismo instituído pela Modernidade no que diz respeito às relações que são estabelecidas com a natureza não humana.

Frente a esses limites históricos e culturais, que emergem na superfície dos problemas apreendidos pela análise do discurso, os estudos culturais nos remetem à importância de atentarmos para a dinâmica cultural não como uma identidade fixada, representativa, reprodutiva, mas, num viés pós-estruturalista, como formas que são afirmadas a partir de verdades. Enfim, colocadas em funcionamento diante da evidência dos fatos; no caso desse enunciado, a ameaça constante da perda da natureza. Como salienta Wortmann (2010, p. 13), partindo das proposições pós-estruturalistas “nos constituímos como sujeitos nas práticas, nas produções e nas instituições culturais com as quais interagimos ao longo de nossas vidas”. Desta forma, a cultura não deve ser entendida apenas como extensão necessária da natureza e tampouco implica reduzir o ambiente a um pano de fundo a serviço de um melhor entendimento do mundo contemporâneo. É preciso compreender os significados presentes nas práticas culturais

em confronto com narrativas que afirmam a coesão e a essência do que tem sido configurado como natural. Segundo a autora:

[...], muitas dessas narrativas não apenas conferem um valor intrínseco ao chamado mundo natural, mas, igualmente, evocam a existência de uma força criadora que dele emanaria. Já em outras narrativas voltadas a conferir importância à preservação, é evocado, e até exacerbado, o medo das catástrofes, sendo possível dizer que essas atuam na reorganização de certas visões utilitaristas acerca dos entes e seres do planeta, tão presentes em formas modernas de pensar o mundo natural (WORTMANN, 2010, p. 20).

Desta maneira, o enunciado de *Um ideal Romântico de Natureza: o dito e o visível nas HQs do Chico Bento*, constituído pelo discurso das sensibilidades em torno do que precisa ser valorizado como natureza em vias de extinção, mostra o quanto o discurso de natureza dos quadrinhos procura trabalhar em sintonia com outros discursos potencializados pelo dispositivo da EA (GARRÉ, 2015), a partir de estratégias pedagógicas. Considerando esse pensamento, identifico que uma característica importante nas condições de possibilidades que produzem o olhar sobre a natureza é a relação estabelecida com os usos do discurso no tempo e no espaço. Assim, algumas formas de sensibilidade expressas nos ditos retirados das HQs do Chico Bento afirmam a preocupação contemporânea com o fim, o esgotamento dos recursos da natureza, cujos efeitos atingem diretamente a vida humana. Como aponta Danowski e Castro:

[...] não são apenas as sociedades que integram a civilização dominante, de matriz ocidental, cristã, capitalista-industrial, mas toda a espécie humana, a própria ideia de espécie humana, que está sendo interpelada pela crise – mesmo, portanto e sobretudo, aqueles tantos povos, culturas e sociedades que não estão na origem da dita crise. Isso para não falarmos nos muitos milhares de outras linhagens de viventes que se acham sob ameaça de extinção, ou que já desapareceram da face da terra devido às modificações ambientais causadas pelas atividades “humanas” (DANOWSKI; CASTRO, 2014, p. 12) [grifo da autora].

Com isso, penso o enunciado de um *Ideal Romântico de Natureza* como um imperativo do discurso, pela apologia que faz aos benefícios da vida rural, com poucos recursos tecnológicos, próximo a um estado de Natureza puro.

Analiso esta posição demarcada como uma forma da compreensão atravessada pela concepção moderna de natureza, ou seja, imersa na polarização. Problematizando o dito acima a partir de Carvalho (2012), considero que a sensibilidade expressada está baseada num ideal de Natureza entendida como reserva de bem, beleza e verdade. São decisivos os valores morais empreendidos nesse posicionamento, pois os sujeitos desse

discurso, ao enaltecerem o estilo de vida rural, o fazem demonstrando uma natureza romântica domesticada, humanizada; portanto, civilizada nos moldes da cultura ocidental. Podemos pensar sobre isso a partir da visibilidade disponível nas imagens e na enunciação selecionadas a seguir:



Figura 5: SOUSA, Almanaque, 2010, nº 20, p. 8.

De acordo com a história em quadrinhos “Chico Bento *em* o poço dos desejos”, o que é visível nas imagens e está dito na enunciação que expressa a fala de Rosinha – percupada ca atuar situação das nossas floresta, tudo sendo desmatada... – é o desdobramento de um problema contemporâneo, atualmente debatido na sociedade como um perigo evidente, a preocupação com o desmatamento das florestas. Então, Rosinha responde ao Chico Bento que ela pediu, no poço dos desejos, para tudo voltar a ser como antes. Em seguida, os dois reatam o namoro e saem felizes de mãos dadas. O romantismo e o ideal de um retorno à natureza despertam a sensibilidade e se fazem presentes. Vemos então o discurso como prática, como ação determinada em torno do conceito natureza, operando em relação aos fatos da atualidade. Nesse sentido, há nas HQs um olhar propositivo validado pelas verdades afirmadas nas “novas sensibilidades” do momento em que vivemos e pelo saber constitutivo da EA como área emergente do conhecimento no mundo contemporâneo.

Na análise do discurso efetuada nas HQs, os efeitos dessa perspectiva interpelam os leitores sugerindo modos de ser sujeito. Algumas formas destacadas atentam para esse comportamento quando explicitam o quanto as novas sensibilidades, orientadas

pelas determinações da história do presente, indicam um questionamento necessário que, neste capítulo da Dissertação, está apresentado como o enunciado de um *Ideal Romântico de Natureza*. A partir do exercício desse olhar voltado para as HQs, compreendidas como artefato midiático, selecionei algumas das enunciações que formaram o enunciado e me possibilitaram colocar sob suspeita os efeitos de um discurso de natureza recorrente na literatura moderna, atualizado por saberes que fazem da EA um dispositivo. Segundo afirma Garré (2015), um campo de saber cada vez mais presente e atuante no contexto histórico que constitui a sociedade e as práticas culturais do mundo contemporâneo. Essas formas de pensar a natureza e as relações humanas evidenciam algumas condições, atestadas pelos acontecimentos ocorridos no mundo contemporâneo, que dão sentido às enunciações e sustentam a pertinência da constituição desse enunciado.

Com isso, procuro relacionar os dois enunciados apresentados neste trabalho de pesquisa como partes que sustentam o discurso de natureza nas HQs do Chico Bento. Nesses enunciados, tanto o que define a fabricação do discurso de natureza, entre o rural e o urbano, quanto o que propõe descrever a natureza sob a perspectiva de um ideal romântico, são articulados a outros enunciados que constituem uma formação discursiva configurada na contemporaneidade por ações e pensamentos que envolvem práticas culturais e posicionam os seres humanos de determinadas formas em relação à natureza. Esses jogos de verdade acontecem em torno de discursos, entrelaçando enunciados que se antecedem e se sucedem conforme nos explica Foucault (2002, p. 114): “Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências”.

Desta maneira, a análise das visibilidades e das enunciações constituintes do que apresentei como discurso de Natureza nas HQs do Chico Bento reverberam, são desdobradas e exercem um papel criativo, educando o olhar dos indivíduos e provocando seus sentidos em direção a um determinado tipo de sujeito, o ecologicamente correto. Isso confirma a pertinência dos enunciados aqui elaborados como categorias de Análise do Discurso. Visto que, estudando a construção do discurso de natureza nas histórias em quadrinhos, foi possível desnaturalizar as posições de sujeito veiculadas num artefato cultural midiático tão importante cuja circulação atinge diferentes públicos, produzindo novas subjetividades pela sensibilidade que desperta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir os passos desta Dissertação de Mestrado, iniciada há dois anos, farei algumas considerações no sentido de destacar o exercício do pensamento motivado pela necessidade de construção da escrita que este trabalho exigiu. Nesse sentido, os caminhos colocados à minha disposição, naquele momento, como possibilidade de experimentação diante do devir, encontraram na leitura da obra de Michel Foucault a principal referência para a consecução daquilo que está materializado nesta pesquisa.

Desta maneira, o grupo de pesquisa do Projeto de Educação Ambiental e Mídias, pertencente ao Programa Observatório da Educação e o GEECAF (Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia), ambos coordenados pela professora Paula Henning, me apresentaram o uso das ferramentas da Análise do Discurso elaboradas na perspectiva foucaultiana. Também colocaram diante dos meus olhos os gibis do Chico Bento, pois aquelas histórias em quadrinhos ainda não haviam sido examinadas e seus discursos, enquanto parte de um material midiático potente, de grande circulação, estavam esperando quem os assumisse como fonte de pesquisa a ser problematizada. Chegamos, dessa forma, à definição do objeto da minha pesquisa de Dissertação de Mestrado.

Depois disso, a leitura de artigos e outros trabalhos relacionados à EA remeteram às possíveis formas de descrever a natureza. Então, surgiram indagações: Como a natureza aparece nesses escritos? Que lugar essa palavra ocupa nos discursos? Que agenciamentos dão sentido a esse conceito no mundo contemporâneo? Junto a essas perguntas eram visíveis os usos de temas interligados à natureza nas HQs do Chico Bento. Assim, passei a direcionar este estudo para a Análise do Discurso de natureza nas histórias em quadrinhos do personagem Chico Bento.

Ao longo dos capítulos que constituem o corpo dessa dissertação, o que é visível, dito e pensado sobre a natureza aparece delimitado pelos fatos e pela linguagem corrente do momento em que vivemos. Maneiras de descrevê-la, obras que abordaram o mesmo assunto em outras épocas, referências a livros e autores que fizeram suas considerações sobre o que é a natureza, tensionados por problemas diferentes dos que atravessaram as minhas preocupações foram utilizados com a intenção de realçar a singularidade e as diferenças inerentes à história do presente. História, essa, que por estarmos vivendo, somos desafiados a desnaturalizá-la, buscando, em outros contextos, os limites, os deslocamentos, as brechas que tornam sensíveis as particularidades do contexto

cultural e histórico atual. Considero, também, que as visibilidades, as afirmações definidas como enunciações e os enunciados propostos são verdades que sustentam o discurso contemporâneo sobre a natureza. Isso implica posicionar os indivíduos, fazendo-os sujeitos na medida em que as ações se afirmam na trama das diferenças que se estabelecem e determinam as relações entre humanos e natureza não humana. Sendo assim, estão em perspectiva, condicionadas pelas escolhas que fiz como pesquisador. Outras verdades poderão ser fabricadas se a análise partir de outros pressupostos. Seguindo os ensinamentos de Foucault:

[...] Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2012b, p. 52) [grifos do autor].

Diante disso, no primeiro capítulo da pesquisa, descrevo o percurso que situa esta pesquisa no campo do saber da EA para em seguida demonstrar sua pertinência do ponto de vista teórico e histórico. Faço uma síntese dos fatos que marcaram a emergência da EA e que justificam sua importância crescente nas lutas e debates da atualidade. Com o objetivo de relacionar minha pesquisa ao campo da EA, estabeleci os principais aspectos que sustentaram o vínculo entre Análise do Discurso de natureza nos gibis do Chico Bento e as linhas que norteiam a produção acadêmica na EA. Desse modo, esse trabalho no campo da pesquisa em EA é o resultado de leituras sobre a realidade entendida a partir de discursos sobre práticas ambientais no contexto histórico atual. Nesse sentido, fiz a correlação desses fatos com a regularidade das observações visíveis no discurso sobre a natureza preponderante em inúmeras histórias do Chico Bento. Isso demarca uma posição, uma forma de ver, ler e narrar a natureza na atualidade. Assim, ao analisarmos as histórias em quadrinhos, verificamos que elas passaram a ser entendidas como um artefato cultural que propõe ações, identifica problemas e exerce um papel educativo. Por isso a importância de selecioná-las.

Na etapa posterior deste trabalho, segundo capítulo da Dissertação, o esforço se deu no sentido de verificar como o conceito de natureza vem sendo utilizado em diferentes autores, estudiosos da modernidade. A revisão teórica esclarece as formas de percebê-la, a variedade de perspectivas possíveis e os limites da linguagem que aparece nas enunciações do material sob análise, ou seja, foram demarcados os contornos

teóricos que dão visibilidade aos modos de problematizar o discurso de natureza presente no *corpus* discursivo desta pesquisa. Para isso, coloquei sob suspeita o Paradigma Moderno e seus modos de narrar a natureza como algo reduzido ao humano. Em seguida, apresento os desdobramentos deste olhar redutor no campo teórico constitutivo da EA. E, por fim, faço algumas provocações a respeito das verdades afirmadas sobre a natureza a partir da posição de alguns autores que pensam sobre o conceito de cultura influenciado pelos Estudos Culturais e pelo pensamento pós-estruturalista.

Os dois capítulos que se seguem, terceiro e quarto capítulos da dissertação, são o resultado do trabalho de análise dos dados que compõe o *corpus* empírico da pesquisa. Neles apresentei a fabricação dos dois enunciados que para mim sustentam com mais intensidade o discurso de natureza nas HQs do Chico Bento. Os capítulos trazem, ainda, as visibilidades e as enunciações analisadas. Assim sendo, o enunciado que descreve uma natureza construída entre as diferenças do rural e do urbano, capítulo 3, é composto por enunciações que remetem a uma perspectiva antropocêntrica bastante atualizadas nos últimos anos. Conforme as temáticas apresentadas no conjunto de histórias selecionadas, vimos como são críticos os sinais que definem o homem moderno, urbanizado e civilizado, pois ele é visto como um mau exemplo de conduta no trato com a natureza. Através da exaltação dos modos de vida rural, aponta-se para uma ação correta frente a uma natureza machucada, ferida, mal cuidada. Os cuidados com a natureza e a necessidade de uma EA se fazem indispensáveis diante de um mundo urbanizado e desenvolvido cada vez mais visível. Penso que isso transparece nas principais críticas do personagem Chico Bento aos percalços vividos na cidade.

Enfim, no capítulo 4, demonstrei a construção do enunciado que traz a valorização da natureza como um ideal romântico diante da iminente possibilidade de perdê-la frente ao desenvolvimento técnico, aos avanços do estilo de vida moderno. Isso, é percebido quando os espaços de natureza identificados na cidade aparecem reduzidos. Outros aspectos que se somam a esta redução são o controle mecânico e digital do tempo, a velocidade e a poluição do meio ambiente em um sentido geral. Entendo que as visibilidades e as afirmações expressas como enunciações que sustentam a funcionalidade desse enunciado no discurso de natureza sob análise produzem efeitos e nos levam a estabelecer critérios que nos orientam a agir de determinadas maneiras quando olhamos para a natureza. Com isso, a pergunta que faço é como essa trama discursiva educa o nosso olhar sobre a natureza? Nesse sentido, os

dois enunciados se apoiam, são complementares e constituem o discurso de Natureza nas HQs do Chico Bento.

Aparecem, assim, no enunciado da *Natureza entre o rural e o urbano: fabricação de um discurso nas HQs do Chico Bento*, enunciações que ao identificar problemas urbanos e qualificar o campo, o sítio e a natureza preservada nesses lugares apontam para o rural como um lugar ideal, associado a pureza, a tranquilidade, a inocência. Desta forma, afirmando a pertinência desse enunciado e coexistindo como partícula que sustenta o discurso foram selecionadas outras enunciações. Estas enunciações são apresentadas no enunciado seguinte, a saber: *Um Ideal Romântico de Natureza: o dito e o visível nas HQs do Chico Bento*. Tal enunciado procura demonstrar a partir de que formas a idealização da natureza se sustenta apresentando excertos e imagens que dão materialidade a uma visão romântica da vida rural. Desse modo, os dois enunciados, como partículas constituintes do discurso de natureza nas HQs do Chico Bento, funcionam articulados e estão apoiados um no outro.

Desta forma, gostaria de enfatizar, considerando a conclusão deste trabalho de dissertação, a importância da realização da escrita, da afirmação dos pensamentos, da problematização dos discursos e das coisas que são naturalizadas, cristalizadas e muitas vezes assumidas como universais ou absolutas em nossa sociedade. Esse exercício, que busca a singularidade dos acontecimentos e historiciza a emergência dos discursos nos mostra os tensionamentos, as falhas, os limites, os deslocamentos e as fissuras que podem ser abertas ao analisarmos as diferenças que separam a vida vivida no presente daquilo que está registrado em outros contextos históricos. Assim, desejo que esta pesquisa contribua no sentido de interrogar as maneiras de designar o conceito de natureza presente nos campos teóricos naturalistas, conservacionistas ou críticos da EA, suspeitando do estatuto antropocêntrico e humanista presente nessas formas. Sem dúvida, o que a pesquisa nas HQs do Chico Bento me ensinou, como um artefato cultural e midiático, é que os discursos produzem, assujeitam e indicam, através do dito e do visível, o que está determinado como verdade nos jogos de poder que definem a atualidade.

6. REFERÊNCIAS

AMARAL, Marise Basso. *Natureza e representação na pedagogia da publicidade*. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos culturais em Educação, mídia, Arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* / Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BACON, Francis. *Ensaio de Francis Bacon*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BAUMAN, Zigmunt. *Vida em Fragmentos*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2011.

BERT, Jean-François. *Pensar com Michel Foucault*. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais*. IN: SATO, Michele e CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CARVALHO, Marcos B. *O que é Natureza*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Prefácio*. IN: ARNT, Ricardo Azambuja; SCHWARTZMAN, Stephan. *Um artifício orgânico: transição na Amazônia e ambientalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.(p.117-122)

DUARTE, André. *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto socioambiental, 2014.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant`Ana. *O mito moderno da natureza intocada*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec: Nupaub-USP/CEC, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. – (Coleção Estudos Foucaultianos, 9)

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Entrevistas*. Roger Pol-Droit. São Paulo: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. – (Coleção Tópicos)

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, volume IV: estratégia, poder-saber*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 25ª ed. São Paulo: Graal, 2012b.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, volume II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: forense universitária, 2013.

FILHO, Kleber Prado. *Michel Foucault: uma história política da verdade*. Rio de Janeiro: Editora Insular achiamé, 2006.

FREITAS, Daniela Amaral. *O discurso da Educação Escolar nas Histórias em Quadri-nhos do Chico Bento*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2008. (Dissertação de mestrado).

GUATARRI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GARRÉ, Bárbara Hees. *O Dispositivo da Educação Ambiental: modos de constituir-se sujeito na revista Veja*. Tese de Doutorado em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande/FURG, Rio Grande, 2015.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *Pesquisa em educação ambiental: olhares atentos à cultura*. IN: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. ; RIPOLL, Daniela; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; KINDEL, Eunice Aita Isai-a.(Orgs). *Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *A importância da história e da cultura nas leituras de natureza*. Goiânia: Inter-ação (Revista da Faculdade de Educação UFG), V.33, p. 89-112, 2008.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a formação de sujeitos verdes*. In: SARAIVA, Karla e MARCELLO, Fabiana de Amorim.(org). *Estudos Culturais e Educação: desafios atuais*. 1ª ed. Canoas: ULBRA, 2012, V.1, p. 219-232.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *O educativo-ambiental construído sob o Binarismo Natureza/ cultura nos limiares do terceiro milênio*. IN:BARCELOS, Valdo Hermes de Lima; NOAL, Fernando Oliveira(Orgs.). *Educação Ambiental e cidadania: cenários brasileiros*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *Encontro entre o cinema, a educação e o ambiente*. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; GUIDO, Giovana Scareli, (org.). *Cinema, Educação e Ambiente*. Uberlândia: EduFU, 2013, v.1, p.7-10.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no Jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker editores, Edusp, 2003.

GRÜN, Mauro. *Ética e educação Ambiental: A conexão necessária*. 14ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

HENNING, Paula Corrêa; HENNING, Clarissa Corrêa. *Sobre verdades inventadas e mentiras potentes: práticas de si como espaço de resistência*. IN: HENNING, Paula Corrêa (org.). *Cultura, ambiente e sociedade*. Rio Grande: Ed. Universidade Federal do Rio Grande, 2012.

HENNING, Paula Corrêa; GARRÉ, Bárbara; VIEIRA, Virginia Tavares. *O discurso da crise ambiental na atualidade: ferramentas metodológicas da análise do discurso foucaultiano em evidência*. In: HENNING, Paula Corrêa e RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.) *Diálogos na educação em ciências*. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; BONIN, Iara Tatiana. *Lições de sustentabilidade em um jornal brasileiro*. In: *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 27, julho a dezembro de 2011. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2011.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. *Para onde vai a Educação Ambiental?* O cenário político-ideológico da Educação Ambiental Brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. Revista Contemporânea de Educação. ed. n°:14, agosto/dezembro, 2012.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

LATOUR, Bruno. *Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LISBOA, Livia Lüdke. *Histórias em Quadrinhos como local de Aprendizagem: saberes ambientais e a formação de sujeitos*. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação de Educação em Ciências: Química da vida e saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2008. (Dissertação).

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Trajetórias e Fundamentos da educação ambiental*. - 4º ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. *Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

MEYER, Mônica. *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre Verdade e Mentira no sentido extramoral*. São Paulo: Hedra, 2008.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. *Os Imaginários sócio-discursivos sobre o homem do campo difundidos pelos quadrinhos Chico Bento*. Revista Investigações (UFPE, Impresso), v.22, p. 181-203, 2009.

SERRES, Michel. *O Contrato Natural*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SERRÃO- NEUMANN, Silvia Maria. *Para além dos domínios da mata: as estratégias de preservação de fragmentos florestais no Brasil*. (Santa Genebra, Campinas, SP). São Paulo: Annablume, 2007.

- SOUSA, Maurício de. *Almanaque do Chico Bento*, São Paulo: Panini Comics, 2009, nº 17, p.10.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, 2009, n. 28, p.14.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini comics, 2009. n. 36, p.36-37.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini comics, 2009. n. 36, p. 50.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini comics, 2009. n. 36, p.51.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini comics, 2009. n. 36, p. 53.
- SOUSA, Maurício de. *Almanaque do Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, 2010, nº. 20, p.8.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini comics, 2010. nº.44, p.14
- SOUSA, Maurício de. *Almanaque do Chico Bento*. Panini Comics, 2011, nº. 30, p.49.
- SOUSA, Maurício de. *Almanaque do Chico Bento*. Panini Comics, 2011, nº. 30, p. 62.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, 2011, nº. 51, p. 14.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, 2011, nº57, p.23.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*.(Turma da Mônica – coleção histórica). São Paulo: Panini Comics, 2012, nº. 31.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, 2012, nº. 71, p. 12.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, 2012, nº. 71, p. 22.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, 2012, nº. 71, p. 51.
- SOUSA, Maurício de. *Almanaque do Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, 2013, nº 40.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, 2013, nº. 34, p. 5.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, 2013, nº. 34, p. 8.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini comics, 2013. nº.66, p. 28.
- SOUSA, Maurício de . *Chico Bento*. São Paulo: Panini comics, 2013. nº. 75, p.15.
- SOUSA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Panini comics, 2013, nº. 81, p. 53.

SOUSA, Maurício de. *Site da Mauricio de Souza Produções*. Disponível em: www.produçãocultural.org.br/slider/mauricio-de-souza/. Acesso em 13 de janeiro de 2014.

STRAUSS, Levi. *Antropologia Estrutural dois*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *Educação Ambiental: natureza, razão e história*. Campinas: Autores Associados, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.); VEIGA-NETO, Alfredo. [et al.]. *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... . 2ª ed.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Paradigma: cuidado com eles. In COSTA, Marisa Vorraber (org). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In.: COSTA, Marisa Vorraber (org). *Caminhos Investigativos: novos olhares no campo educacional*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a.

VIEIRA, Virgínia Tavares. *O Discurso da Crise Ambiental nas Letras de Rock and Roll: modos de ser sujeitos em tempos contemporâneos*. Rio Grande: Programa de pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, PPGA - FURG, 2013. (Dissertação).

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

WORTMANN, Maria Lúcia C.; BRAUN, Maria Cecília. *A produção de representações culturais de Natureza na Ambientação de um grupo étnico no sul do Brasil*. IN: BARCELOS, Valdo Hermes de Lima; NOAL, Fernando Oliveira(Orgs.). *Educação Ambiental e cidadania: cenários brasileiros*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

WORTMANN, Maria Lúcia C. Por que se valer do cinema, da mídia, da literatura, da televisão para discutir a natureza/ambiente? In.: ZAKRZEWSKI, Sônia B. e BARCELOS, Valdo (org). *EA e Compromisso Social: pensamentos e ações*. Erechim, RS: EDI-FAPES, 2004.

WORTMANN, Maria Lúcia C. *Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras do saber*. IN: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. *A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas*. In: CALLONI, Humberto; SILVA, Paulo Ricardo Granada Correa da. *Contribuições à Educação Ambiental*. Pelotas: Editora Universitária/ UFPel, 2010.

EMPRESAS & NEGÓCIOS

INDÚSTRIA
Schneider planeja renovar
aquiñadas de Teres

ACORDADO
Ata do Conselho de Administração
da Eletrobras

PLANO PESSOAL
Paula de Lencastre
Vive espanhola

Maurício de Sousa busca negócios no mercado chinês

Por **Carla Pinheiro**
Atualizado em 23/03/2010
10h04 e 20s

A turma da Mônica estreia
no mercado chinês

Quando o Brasil não pode mais ser o primeiro país do mundo a produzir e exportar produtos culturais, a pergunta é: qual país será o primeiro a fazer isso? A resposta é: a China. O gigante asiático está investindo bilhões de dólares em produtos culturais e já é o primeiro país do mundo a produzir e exportar produtos culturais em grande escala. Isso acontece porque a China tem uma população de 1,3 bilhão de habitantes, o que significa que há um potencial enorme para a produção e distribuição de produtos culturais. Além disso, a China tem uma tradição rica em arte e cultura, o que também contribui para o sucesso desse mercado.

Investimento para "Mônica".
A turma da Mônica, criada por Maurício de Sousa, é um dos produtos culturais mais conhecidos do Brasil. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Até então, a turma da Mônica não tinha sido comercializada no exterior. No entanto, a turma da Mônica está sendo comercializada na China. Isso acontece porque a turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Por que a turma da Mônica é tão popular no Brasil? A resposta é: porque a turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.



Maurício de Sousa, criador da turma da Mônica, em uma reunião de negócios.

Uma das razões para o sucesso da turma da Mônica no Brasil é a qualidade dos produtos. A turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Além disso, a turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China. Isso acontece porque a turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Uma das razões para o sucesso da turma da Mônica no Brasil é a qualidade dos produtos. A turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Além disso, a turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China. Isso acontece porque a turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Uma das razões para o sucesso da turma da Mônica no Brasil é a qualidade dos produtos. A turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Estúdio asiático "namora" empresário

Por **Carla Pinheiro**
Atualizado em 23/03/2010

Quando o Brasil não pode mais ser o primeiro país do mundo a produzir e exportar produtos culturais, a pergunta é: qual país será o primeiro a fazer isso? A resposta é: a China. O gigante asiático está investindo bilhões de dólares em produtos culturais e já é o primeiro país do mundo a produzir e exportar produtos culturais em grande escala. Isso acontece porque a China tem uma população de 1,3 bilhão de habitantes, o que significa que há um potencial enorme para a produção e distribuição de produtos culturais. Além disso, a China tem uma tradição rica em arte e cultura, o que também contribui para o sucesso desse mercado.

Investimento para "Mônica".
A turma da Mônica, criada por Maurício de Sousa, é um dos produtos culturais mais conhecidos do Brasil. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Até então, a turma da Mônica não tinha sido comercializada no exterior. No entanto, a turma da Mônica está sendo comercializada na China. Isso acontece porque a turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Por que a turma da Mônica é tão popular no Brasil? A resposta é: porque a turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

SE É IMPORTANTE PARA VOCE FAZER UM BOM INVESTIMENTO, É IMPORTANTE PARA NOS OFERECER OPÇÕES SOB MEDIDA PARA VOCE. VISITA NO FINANCIAMENTO.
Pau Americano

Quando a turma da Mônica é comercializada na China, isso acontece porque a turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China. Isso acontece porque a turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Uma das razões para o sucesso da turma da Mônica no Brasil é a qualidade dos produtos. A turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Além disso, a turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China. Isso acontece porque a turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Uma das razões para o sucesso da turma da Mônica no Brasil é a qualidade dos produtos. A turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.

Além disso, a turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China. Isso acontece porque a turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.



Mônica, personagem da turma da Mônica, criada por Maurício de Sousa.

Quando a turma da Mônica é comercializada na China, isso acontece porque a turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China. Isso acontece porque a turma da Mônica é muito divertida e divertida. A turma da Mônica é um grupo de personagens que vivem em uma cidade imaginária chamada Sítio do Picapica-papagaio. A turma da Mônica é muito popular no Brasil e também em outros países, como a China.